

# O CRASTO DE PALHEIROS EM TRÁS-OS-MONTES DURANTE O 1º MILÉNIO A.C. COMO PRETEXTO PARA REFLETIR SOBRE AS DIVISÕES CRONOLÓGICO-CULTURAS TRADICIONAIS NAQUELA REGIÃO

Maria de Jesus Sanches  
CITCEM<sup>1</sup> - FLUP  
mjsanches77@gmail.com

## ABSTRACT

This article focuses the occupation of Crasto de Palheiros (Murça, Portugal) during the 1st millennium BCE, reassessing phases II (Late Bronze Age) and III (Iron Age). Based primarily on radiocarbon dates, stratigraphic analyses, and ceramic studies, it discusses the Late Bronze Age occupation of this settlement, which serves as the foundation for a reevaluation of the settlement patterns in “interior” Trás-os-Montes during the same chronological-cultural period (12th to 5th centuries BCE). Of particular significance in this discussion is the comparison with the Fraga dos Corvos site, especially regarding the problematic transition from Late Bronze Age to Iron Age and, within this context, the establishment of continuities and changes in material culture. The article highlights the idiosyncratic cultural dynamics within broader cultural relationships with the Iberian coastal regions and the Meseta

Keywords: Crasto de Palheiros; Late Bronze Age-Iron Age; Pottery Studies; Northwestern Iberia

## RESUMO

O artigo aborda a ocupação do Crasto de Palheiros (Murça, Portugal) durante o 1º milénio a.C., reavaliando as fases II (Bronze Final) e III (Idade do Ferro). Fundamentando-se principalmente em datas de C14, análises estratigráficas e estudos ceramológicos, discute-se a ocupação do Bronze Final neste povoado, o qual constitui o mote para reavaliar o povoamento de Trás-os-Montes “interior” no mesmo período cronológico-cultural (séc. XII a V a.C.). Merece destaque nessa discussão, a comparação com o sítio Fraga dos Corvos, particularmente no que respeita à problemática da transição Bronze Final/Idade do Ferro e, dentro desta, ao estabelecimento de continuidades e mudanças na cultura material. Sublinham-se as dinâmicas culturais idiossincráticas dentro de relações culturais amplas com o litoral peninsular e a Meseta.

Palavras-chave: Crasto de Palheiros; Bronze Final-Idade do Ferro; Estudos Ceramológicos; Noroeste da Península Ibérica

## 1. PREÂMBULO

Passadas quase duas décadas sobre a publicação da Monografia do Crasto de Palheiros (SANCHES, 2008), a revisão de alguns dos materiais (principalmente cerâmicos), motivada pela pequena intervenção de 2017 no Recinto Superior — Plataforma Superior Norte<sup>2</sup>, a par de uma nova data de C14 para esta área, realizada sobre *Triticum espelta* (SANCHES 2024, no prelo), tornou necessário que trouxéssemos de novo a debate a questão da ocupação do Crasto de Palheiros durante o 1º milénio a.C., que identificamos com as “fases” II e III deste sítio arqueológico: Idade do Bronze Final e Idade do Ferro. E, dentro desse 1º milénio, que avaliássemos tanto em termos espaciais como materiais, a ocupação, ou ocupações, datadas de entre o os inícios do séc. IX e os inícios do VI a.C., atribuídas a Crasto II no quadro da investigação que tem vindo a ser realizada em Trás-os-Montes e/ou regiões adjacentes.

Para este facto concorrem assim, e também, os resultados das escavações e prospeções realizadas em povoados, recintos, abrigos ou outro tipo de jazidas difíceis de definir terminologicamente, datadas, ou atribuídas à Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro desta região alargada e que, embora na maioria dos casos contem somente com publicações parcelares, já facultam dados que permitem, pelo menos regionalmente, questionar o registo arqueológico sobre o que tendemos a valorizar ali em termos de cultura material. Ou seja, perguntar se em vez de lamentar a ausência de indicadores crono-culturais claros, num enquadramento histórico-cultural, e que frequentemente podem plasmar materiais de excepção — metálicos ou cerâmicos —, vindos de outras paragens, ou emulados localmente, não devemos valorizar igualmente os materiais da vida quotidiana, rotineira, repetitivos e que parecem quase imutáveis ao longo do tempo, que, com cronologias mais seguras, responderão melhor à caracterização destas comunidades. Neste quadro, salientamos o papel do Crasto de Palheiros para este debate que, em suma, é o do povoamento regional, pois que conta com 29 datas de C14, três das quais situadas cronologicamente na primeira metade do 1º milénio a.C., período que, por facilidade de expressão, designamos por ora de Bronze Final.

De entre as estações regionalmente mais bem conhecidas pelas publicações, destaca-se a Fraga dos Corvos — povoado e Abrigo 2 —, um esporão alargado, rochoso, na meia encosta no-roeste da Serra de Bornes, sobranceiro à veiga de Macedo de Cavaleiros, rodeado de uma muralha em talude. Neste, J. C. Senna-Martínez coordenou uma equipa de escavações continuadas, precisamente nos anos que se seguiram ao final daquelas do Crasto de Palheiros — 2003 — (SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2010; LUÍS *et alii* 2012; REPRESAS 2013; LUÍS 2016). Terão sido precisamente as campanhas realizadas entre 2011-17 aquelas que, nas palavras de Senna-Martínez e colaboradores, terão fornecido a mais significativa informação para a compreensão do “final da Idade do Bronze e transição para a Idade do Ferro, entre o final do séc. VIII e o início do VI BC” (SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022a: p. 371 e p. 377), o que justifica em parte esta reflexão. Tais dados, recolhidos em contextos estratigráficos que exigem leituras críticas, e com datas de C14 (do sector A) inicialmente não aceites (LUÍS 2016, Tabela 10, p. 286), mas que sofreram reinterpretção recente (SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022b)<sup>3</sup>, revelam-se efetivamente fulcrais numa região tão parca em dados estratigrafados, e apontam, por sua vez, o intervalo definido entre o final do séc. VIII e o início do V a.C. Porém, da dificuldade da articulação dos diversos tipos de artefactos (metálicos, cerâmicos) e sequências estratigráficas da Fraga dos Corvos com contextos regionais próximos, nomeadamente com o do Crasto de Palheiros, advém à equipa uma grande dificuldade na sua inserção em “períodos” cronológico culturais discretos — Bronze Final e/ou Idade do Ferro —, patente no título de 2013 “Existe uma

---

<sup>2</sup> Feita com o objetivo de assegurar a regularidade e estabilidade da plataforma para os visitantes; o “restauro” foi precedido de escavação. Os trabalhos foram financiados pelo Município de Murça.

<sup>3</sup> Datas que serão discutidas mais adiante.

Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental?” (REPREZAS 2013). Pergunta académica com fito de discussão futura, mas em cujo texto se intui a vontade de abordar esta estação como idiossincrática, atribuindo-a posteriormente à fase transicional entre a Idade do Bronze e a I do Ferro regional (do séc. VI a. C. em diante) (REPREZAS 2014:156).

Nesse sentido, urge retificar, melhor caracterizando, a ocupação da Idade do Bronze (leia-se, da primeira metade do 1º milénio a.C.), comparativamente à da Idade do Ferro no Crasto de Palheiros, já publicada em 2008 (SANCHES 2008). Dado o carácter não exaustivo e as circunstâncias em que foi publicada a monografia<sup>4</sup>, a que acrescem as naturais reflexões sobre os registos originais — ou seja, interpretação das sequências estratigráficas e seus processos de formação — alguns pormenores, ou ideias menos claras merecem ser esclarecidas, incluindo alguns aspetos das matrizes estratigráficas constantes na tese de Dulcineia Pinto (PINTO 2011, 1), mas que continuam a fornecer um quadro geral da ocupação do sítio. Objetiva-se assim um mais específico contributo do Crasto para o conhecimento do 1º milénio em Trás-os-Montes onde se inscreve a “fronteira” que aqui se costuma estabelecer entre a Pré e a Proto-história.

## 2. CRASTO DE PALHEIROS. LOCALIZAÇÃO E SÍNTESE DOS TRABALHOS PUBLICADOS RELATIVOS ÀS OCUPAÇÕES DO 1º MILÉNIO A.C. E VIRAGEM DA ERA.

Como tem sido amplamente divulgado, o Crasto de Palheiros (Murça-Portugal) localiza-se nas terras baixas da bacia de Mirandela, imediatamente defronte da Serra de Passos-Santa Comba-Garraia (altitude máxima-900), que lhe fica a norte (Fig. 1 e 2). Assenta numa crista quartzítica que é o topo duma dobra anticlinal, partilha da mesma natureza geológica daquela Serra — o xisto quartzítico —, e integra-se na rede hidrográfica do Tua pois que é circundado pelo rio Tinhela e, particularmente, pela meândrica Ribeira d`Aila. Pertence ao concelho de Murça, distrito de Vila Real, com as seguintes coordenadas geográficas: 41,402909 Lat. N; 7,380212 Long. W; 593 m de alt. absoluta.

Foi classificado como Sítio de Interesse Público (SIP) pela Portaria nº 406/2010<sup>5</sup>. As escavações arqueológicas desenvolveram-se entre 1995 e 2003, delas dando conta de forma sintética um estudo monográfico com data de 2008 (SANCHES 2008), divulgado ao público em Junho de 2009 por altura da abertura oficial do Centro Interpretativo, localizado junto do sítio.

Adianta-se desde logo que, embora o Crasto tenha altitude absoluta modesta, esta não o é na circunstância topográfica imediata e periférica. Dada a sua localização como crista soerguida sobre terras mais baixas, é um local inóspito, muito batido pelos ventos (Fig. 3), sendo mais abrigadas as plataformas intermédias e baixas da zona leste (Fig. 4 e 5) e nordeste, e, em menor grau, as da zona norte, aonde se manifestam de modo mais claro as ocupações como povoado do Bronze Final e da Idade do Ferro. A transformação do sítio, em virtude das construções do 3º milénio a.C., que monumentalizaram a colina (na fase construtiva e ocupacional I), terão alterado a topografia original deste relevo residual, facultando não somente mais plataformas adequadas à instalação de áreas habitacionais — traduzidas em áreas contínuas horizontais, ou pouco inclinadas —, como “chãos” facilmente transformáveis e aproveitáveis para construções, ou para neles se enterrarem cabanas (devido à concentração de pedra seca nos taludes e plataformas). Os rochedos e mesmo blocos aparentemente tombados (em tempos anteriores), em conjunto com aquela microtopografia, reserva ainda espaços abrigados, sendo nestes que se identificam ocupações da Idade do Bronze Final (fase II) (Fig. 4, 5, 7). Na Idade do Ferro (fase III), como se disse acima, a ocupação também parece ter

---

4 Monografia realizada no contexto do projeto de musealização do Crasto de Palheiros, obrigatoriamente publicada até 2008, com número de páginas restrito, e aonde o estudo de materiais, particularmente das cerâmicas, se encontrava em curso. Esta foi grandemente completada na Tese de doutoramento de Dulcineia Pinto (PINTO 2011), na qual baseamos muitas das presentes observações.

5 DR, 2ª série, nº 114 de 15-06-2010.

sido mais intensa nestas áreas mais abrigadas, (Fig. 3, 4, 5), mas esta é ainda uma conclusão provisória até novas escavações porque não consegue contemplar as destruições do recinto superior<sup>6</sup>, muito afetadas pela erosão.

Domina uma paisagem alargada em redor e dele se avistam, até longa distância, relevos e locais que a arqueologia indica como ocupados no Bronze Final — Fraga dos Corvos —, e particularmente na Idade do Ferro (PINTO 2017), aonde destacamos o Castelo dos Mouros do Cadaval (ALMEIDA *et alii*, 2024). Sublinhamos ainda a sua relação com a Serra de Passos-Santa Comba Garraia — nomeadamente com os seus ecossistemas, outros recursos e sítios ocupados no I milénio a.C. — e, estrategicamente, com a via natural que a atravessa no sentido norte-sul: a Ribeira d’Aila. Esta, ocupando uma falha geológica, é rica em nascentes e liga os territórios aplanados (planaltos) da região de Valpaços aos do Baixo Tinhela/Tua (Bacia de Mirandela), apartados aqui pelos relevos da supracitada Serra.

Das publicações mais pertinentes, que indicamos abaixo na bibliografia, devemos reter, para o que interessa ao objetivo deste texto que, mau grado a destruição de alargadas áreas, foram identificadas sequências estratigráficas, materiais arqueológicos e estruturas habitacionais (onde incluímos macrorrestos e material osteológico), que se dataram de modo absoluto pelo C14 (SANCHES 2008; SANCHES e PINTO, 2008).

Estas datações, juntamente com o estudo tipológico dos materiais (PINTO 2008a; 2008b; 2008c; 2011; 2019) formalizaram a ocupação do Crasto no Bronze Final e Idade do Ferro (fases II e III) (SANCHES e PINTO 2006). A intervenção de 2017 já contou com o estudo da cerâmica ali recolhida (PÉREZ IGLESIAS 2018), confirmando a presença de estratos e estruturas da I do Ferro que teriam sido também expressivas no recinto superior, não fosse a erosão, e ainda uma data de C14 (SANCHES 2025, no prelo), que consta também nesta publicação.

### 3. CASTRO DE PALHEIROS NO BRONZE FINAL

3.1. Cronologia absoluta e características principais dos contextos que forneceram materiais do Bronze Final

O quadro 1, e a Fig. 8, recolhem as datas absolutas correspondentes ao 1º milénio a.C. Foram reconsideradas aqui duas datas: a Ua 22217 e CSIC-1319, que vieram juntar-se àquela anteriormente publicada para esta fase: CSIC-1282, configurando no seu conjunto a fase II.

No caso da CSIC-1319 (900-802 cal. AC), a amostra provém do recinto superior, zona leste (PSL), tendo sido retirada de um estrato de terra queimada [7]<sup>7</sup> junto do penedo de maior dimensão — que a curva do talude calcolítico (TEL), e posterior arranque da muralha da I do Ferro protegeu da erosão total —, e ainda alguma cerâmica lisa e decorada (Fig. 7, nº 1; Fig. 5). Na lisa encontram-se troncocónicos, um bojo que indica perfil anguloso (vaso de colo?), e fundos planos. Na decorada, há sobretudo decoração plástica (5 fragmentos) da organização XXVI de S. Barbosa. Cordão digitado,

---

6 Numa estação com esta dimensão torna-se necessário guiar a leitura espacial, ainda que em nota. Assim, o recinto superior, definido por um mega talude contínuo desde a ocupação calcolítica, é a parte mais soerguida do Crasto, incluindo as unidades espaciais de escavação: Plataforma Superior Leste (PSL) e Plataforma Superior Norte (PSN) e respetivo talude. O recinto inferior é igualmente definido pelo talude exterior (Calcolítico), sendo concêntrico relativamente ao primeiro e inclui as seguintes unidades espaciais de escavação (tratadas neste texto): Plataforma Inferior Leste (PIL), Talude Exterior Leste (TEL, na contiguidade espacial da PIL) com área habitacional; Plataforma Inferior Norte (PIN), Talude Exterior Norte (TEN, na contiguidade espacial da PIN), com área habitacional (Fig.5).

7 Na escavação denominámos as unidades estratigráficas como “Ix”, e assim aparecem nas diferentes publicações. Porém, dado que se trata de estratos discretos (ou interfaces), optámos nesta publicação pela denominação mais corrente: a colocação entre parêntesis retos das unidades estratigráficas/estratos, ou interfaces. Chama-se a atenção para o facto de que cada uma das diferentes áreas de escavação contarem com uma numeração de estratos que começa em [1]. Deste modo, existe, por ex., o estrato [28] na plataforma inferior leste (PIL) e o [28] na área norte/talude, que não são o mesmo estrato, apesar de, coincidentemente, datarem ambos do Bronze Final. Sempre que julgarmos haver lugar a dúvidas de nomeação estratigráfica, estas serão aqui esclarecidas.

cordão inciso, grupo de cordões paralelos entre si e outros discordantes e saliência mamilares (BARBOSA 1999: Quadro 2)<sup>8</sup>.

A data CSIC 1282 (919-793 cal. AC) já antes publicada, provém da [25] que se conservou vestigialmente na Plataforma Inferior Leste (PIL), subjazendo às ocupações mais antigas da I Ferro (Fig. 6; Fig. 7: 2). A este contexto associam-se outros na mesma posição topográfica (em termos sequência estratigráfica e relação espacial), como o [24] e [28]<sup>9</sup>. Outros contextos do Bronze Final (fase II) desta plataforma já não se encontram em sequência espacial com a amostra datada.

A data Ua 22217 (774-418 cal. AC), provém do estrato [28.1-vala 1], do talude norte (TEN) (Fig. 7, nº 4). Esta zona — e não somente a vala 1 — foi também reinterpretada à luz do registo fotográfico, dos seus conjuntos cerâmicos e dos desta área, estudados, entretanto, e na sua totalidade, por D. Pinto (PINTO 2011), e que conduziram à interpretação de que a metade oeste do talude registava bastante cerâmica da fase II em estratos já superficiais<sup>10</sup>. Na vala 1 (e vala 2) mantem-se a cronologia calcolítica para os contextos da base [20, 20.13, 101a e 101b] e, possivelmente, [21]. Serão do Bronze Final os contextos [28], [20.12], e, em parte [57]<sup>11</sup>, estando ainda os materiais misturados com aqueles calcolíticos e da I do Ferro nos restantes contextos (SANCHES 2008: Fig. II.16). O estrato [28.1] é contínuo, mas espacialmente localizado e só pôde ser escavado na vala de 2 m de largura. Consiste em terra queimada e carvão pequeno e encima o estrato [28] — terra cinzenta —, devendo corresponder o seu conjunto [28+28.1] ao que restaria duma ocupação habitacional nessa área. Esta, ou estas ocupações — pois desconhecemos se se processou mais do que uma ocupação continua por área — estende-se hipoteticamente por uma área de 12 metros no sentido longitudinal do talude/vala (norte-sul). Refira-se que neste contexto [28] foi ainda exumado um peso de fuso (fusaiola) em cerâmica (PINTO 2011, 2: Est. XLV-5), em forma de tronco de cone duplo, e de um fragmento de fíbula de cotovelo em bronze binário com vestígios de chumbo, proveniente de [20.12], quadrícula 28/40 (PINTO 2008b:142, Quadro 104 e Fig. II.31-5; 2017). Daqui [28] provém também um fragmento cerâmico decorado com fila de mamilos de formato piramidal, perfeitamente geométricos, numa clara mimetização de rebites de recipientes metálicos (Fig. 12: 5), além de outras formas lisas. Porque apresenta uma grande amplitude cronológica, optamos, mais adiante, por a circunscrever ao final do séc. VI a.C.

### 3.2. Características espaciais e materiais da ocupação do Bronze Final

#### 3.2.1. Os espaços ocupados

As datações apontam para ocupações situadas entre o início do IX e o final do V a.C. Porém, a estratigrafia articulada com datações e cerâmicas características da Idade do Ferro — nomeadamente decoradas *a peine/penteadas*<sup>12</sup>, e/ou com impressões triangulares e incisões (ou impressões) de círculos concêntricos ou espirais (Fig.12: 1 e 2), entre outras características do conjunto ceramológico —, indica que pelos meados do séc. V terá mudado neste sítio a cultura material e, igualmente,

---

8 Em SANCHES e PINTO, 2008, está na Figura II.24, a organização decorativa XXIV2: a e b; XXIV3; XXIV4: a e b. Não foi possível, na altura, relaciona-la com nenhuma forma pois trata-se de bojós.

9 Como se disse atrás, no texto, a referência estratigráfica consta nos cortes publicados na monografia (SANCHES, 2008), e nas matrizes e cortes da Tese de Dulcineia Pinto (PINTO 2011, 1), tendo sofrido, ambos, alguma reinterpretação no presente texto.

10 Seria mais correto dizer “estratos tornados superficiais” pois nesta “nova entrada no sítio”, já só restavam pedras pequenas e cascalheira, recusada, porque pouco úteis, para as construções das aldeias vizinhas.

11 [57] corresponde à destruição do talude, na sua área oeste, motivada pela extração de pedra.

12 Concordamos com Raquel Vilaça na denominação destas cerâmicas da I Ferro como decoradas “a peine”, ou “peinadas” para as cerâmicas da I do Ferro (segundo a denominação dos autores espanhóis) (VILAÇA 2022), justificando-se aqui duplamente tal escolha dada a quantidade de cerâmica penteada calcolítica cujos “pentes”, forma de os usar e organizações decorativas diferem claramente desta.

o modo de o habitar. As datas Ua-22218, Ua-22219, na área habitacional do talude leste, e a data CSIC-1962, na plataforma inferior norte (PIN) conferem localização temporal a três dos contextos desta fase inicial do povoado da I do Ferro, que se centram genericamente entre 500 e 400 a.C. (Fig. 8 e Tabela 1). Admitimos, assim, uma ocupação anterior que não ultrapassaria este limiar de 500 a.C. (finais do séc. VI a.C.)

Em face da má conservação de diversos estratos do Bronze final e até do material cerâmico nalgumas áreas (se comparada com a da Idade do Ferro), parece-nos aceitável conjecturar se estas ocupações do Crasto na primeira metade do 1º milénio a.C. não refletirão ocupações que durariam somente umas décadas de cada vez, porventura em regime de mobilidade plurianual, tendo-se repetido até finais do séc. VI a.C. Por sua vez, a boa conservação de alguns estratos — por ex. [109.1] na plataforma leste, e [99], na plataforma norte — indicaria a sua fraca exposição à intempérie e, quiçá, pouco tempo decorrido até que foram recobertos por outros da I Bronze (no caso do [99]), ou da I do Ferro (no caso do [109.1]). A sequência estratigráfica indica que estes últimos são datados do séc. VI-V a. C. (CSIC-1962-2371±36- 545-386, cal. 2σ para 91,1% de probabilidade) na plataforma norte/zona 3 (Quadro 1; Fig. 7, nº 3), aonde fazemos uma leitura aproximativa ao intervalo da data. Claro que se trata duma hipótese a considerar em futuros trabalhos neste sítio e mesmo nesta região aonde as três datas do nível 5 da Fraga dos Corvos (Setor A) cobrem o período que vai do final do séc. VIII aos inícios do V (LUÍS 2016: tabela 10; SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022b: 75 - Table 1)<sup>13</sup> (Fig. 8a).

Adiantamos que em nenhuma das 4 zonas identificadas do Bronze Final — 1, 2, 3 e 4 — deparámos com estratos espessos, facto que pode denunciar estâncias pouco prolongadas no tempo, como já referimos, embora outros fatores destrutivos naturais, mas principalmente antrópicos, devam ser tidos em conta nesta discussão.

Sintetizando as características da ocupação diremos que a escavação mostrou que em período anterior à construção de muros ou muralhas na I do Ferro, tanto a plataforma inferior leste (PIL) como a norte (PIN) seriam bastante mais alargadas, e suscetíveis de terem sido ocupadas em toda a sua extensão (Fig. (7)). Inserir-se-ia aí as ocupações no seio dos empedrados calcolíticos (que foram frequentemente removidos total ou parcialmente, ou somente revolvidos), aonde pudemos identificar ainda as zonas 2 e 4.

Na zona 2 (plataforma inferior leste/PIL), ocupada posteriormente pelo Recinto L (Fig. 5 e 4) identificamos 4 áreas espacialmente descontínuas, variando entre 3 e 10 m<sup>2</sup> (Fig. 7, nº 2). Uma primeira (com 10 m<sup>2</sup>), mais a sul, inclui um murete [24] associado a terra negra [25]; a que lhe é adjacente, além de terra negra [25], por vezes com aspeto “humoso” [28], insere uma estrutura de combustão [25.1] (Fig.6)<sup>14</sup>. Já perto do muro do Recinto L temos os estratos [100], [102] e [107], e, sob aquele muro, por sobre a antiga curva do talude calcolítico, o [109.1], aonde é clara a ablação tanto do empedrado calcolítico, como da espessa camada de ocupação que lhe subjazia<sup>15</sup>.

Tendo já comentado acima a escassa informação da zona 1 (Fig. 7: 1; Fig. 4 e 5), aonde um estrato de terra queimada e alguns fragmentos de possível “piso” [7], que não ocupava mais de 2m<sup>2</sup>, mas que indica uma ocupação na zona superior, então em plataforma e abrigada dos ventos de norte, diremos que numa mesma cronologia antiga (inícios do séc. IX a.C.) a área leste terá tido

---

13 Todas as datas são do nível 5 (sondagem 2) e são aqui calibradas a 2σ para 91,1% de probabilidade: Sac 2645 [467] - 2440±45 BP- 826-545 AC; Sac 2646 [467/582] - 2580±45 BP- 756-406 AC; Beta 331982 [636] 2440±30 BP - 751-408 AC.

14 Foi recolhido um molde em rocha xistenta (fragmentado) — de machado numa face e possível faca na outra — na interface deste [28] com a [1b] /Idade do Ferro (quadrícula X11), pelo que não podemos garantir o seu contexto seguro, sendo provável que seja já da I do Ferro (PINTO 2008: Foto II.30) dadas as diversas evidências de fabrico local de artefactos metálicos (em bronze) nesta fase III (PINTO 2011, 1, pp. 546-549).

15 Existem diversos estratos identificados como [109]: [109. 1], [109. 2] ou [109.3] (SANCHES, 2008, ed: Fig. II.13. Somente o estrato [109. 1] se atribui a esta ocupação. Ver ainda (PINTO, 2011, 1: Est. XXVI), prevenindo que nesta publicação a matriz não identifica as “variantes” do [109], ou seja, assume o [109] como [109.1].

estruturas habitacionais percíveis entre os 567 e os 579 m, com incidência particular na plataforma definida entre os 567 e os 570 m de altitude (Fig. 7 e 4).

Na área norte (zonas 3 e 4) (Fig. 7: 3 e 4; Fig. 3) a ocupação detetou-se entre 560 e 564m, sendo provável que se estendesse por toda a plataforma, entre os 565 e os 570m, pelo menos na zona abrigada atrás da grande massa de penedos, como fazem supor as sequências estratigráficas aonde os estratos de destruição sob e em torno da área do caminho foram mobilizados (ex. [75] [54], [16], [17], [18], etc.). Mas as ocupações da I do Ferro têm também aqui uma grande densidade e persistência temporal, às quais atribuímos muitas destruições das sequências mais antigas. Com efeito, a zona 3 (que não está representada à escala na Fig. 7) registou, em escavação, 3 áreas muito próximas, mas descontinuas, tendo em comum o facto de os sedimentos se integrarem no seio dos empedrados calcolíticos, ou se sobreporem àqueles. Sublinhe-se ainda que na zona da entrada calcolítica, à época já “condenada”, foram lançadas mais umas pedras de suporte, a que se associam sedimentos desta fase II [58.1]. Uma área superior a 20m<sup>2</sup> define-se em torno e sob a U Hab. 11 — estratos [89], [94] / Quadrículas 33-36/38-39, mas é espacialmente descontínua porque “cortada” precisamente por estratos da mais antiga ocupação da I do Ferro no sítio [115] = [110]. Outra, quase contígua a esta, conservou-se num mínimo de 8m<sup>2</sup> (quadrículas 38-39/38-40) — estratos [98], [99], [121] e [58] —, podendo ocupar, no máximo, 13m<sup>3</sup> (vestígios mais destruídos). A prova de que estas ocupações se estendiam pela “primitiva” plataforma empedrada (Calcolítica), está no facto de se terem identificado estratos muito vestigiais, e com mistura de cerâmica calcolítica, precisamente na sua curva/início do talude [71.1], [78], [61]. Esta zona 3 só foi parcialmente escavada e está bastante destruída numas áreas (aonde interviemos) e menos destruída noutras (que ali foram deixadas como reserva para futuras escavações).

O mesmo aconteceu com a zona 4, aonde a nossa intervenção teve o objetivo de bloquear o acesso, rasgado, em diagonal, pelas máquinas por sobre o talude exterior (TEN). Já descrevemos acima (ponto 2.1.) os estratos da vala 1. Há a acrescentar que a decapagem da zona mais a oeste do talude, pôs a descoberto o estrato [57] que, embora muito revolvido, podemos associar, pelos materiais, ao [28] da vala 1. Em conjunto, indicam que este espaço da zona 4, cuja pendente até lhe advém também da do solo geológico, foi usado igualmente no aproveitamento das estruturas calcolíticas, quiçá pela implantação de cabanas a cotas altimétricas diferentes. Contando somente com a área oeste do talude, e descontando a mobilização de materiais pela força da gravidade, diremos que, virtualmente, as estruturas deste período se distribuiriam por uma área de c. de 80 m<sup>2</sup>. Não podemos, porém, assegurar a “densidade” da ocupação (Fig.7: 4).

Adiantamos que na área habitacional (da fase III) do talude exterior leste (TEL), provavelmente devido à exígua área escavada — uma vala de 4m de largura (adjacente à zona 2) —, se comparada com aquela decapada (ou escavada) no talude norte, não se identificaram estratos do Bronze Final, mas antes da fase mais antiga da I do Ferro (fase III-1), datados genericamente dos finais do VI e todo o sec. V a.C. (pelas amostras Ua-22218, Ua-22219), como acima se referiu.

Tendo em consideração o estado de conservação dos estratos — medido pelo dos materiais cerâmicos, a que acresce o grau de fragmentação destes últimos — realizado por Dulcineia Pinto (PINTO 2011), podemos adiantar que, à exceção do [109.1] — na plataforma inferior leste (PIL), mas já na quebra para o talude—, todos parecem apontar hiatos de ocupação. Ou seja, a exposição dos materiais cerâmicos a fenómenos naturais antes de serem recobertos por estratos da fase III. Esta situação é particularmente pertinente na plataforma inferior norte (PIN), na área sob a U Hab. 12 (zona 3), aonde existe uma interessante sequência da fase II — [99]-[98]-[121]-[58] —, que é coberta por um espesso estrato da fase III-1 ([110] = [115]). Porém, os estratos [98] e [58] — intercalados na sequência — estão bastante degradados (PINTO 2011: 1, Est. XXXIII e p. 163-164). Não temos modo de medir de modo exacto, estes hiatos temporais pois se aparentemente apontam interregnos

de ocupação no sítio, também podem traduzir a destruição natural de cabanas (de materiais perecíveis) e a sua construção em espaços próximos, imediatos ou não.

Abordaremos então a questão da continuidade ou descontinuidade mais adiante, no ponto destinado à discussão, aonde conjugaremos os dados já expostos com os do estudo do conjunto cerâmico.

### 3.2.2. Fragmentos e recipientes cerâmicos

As cerâmicas que apareceram em estratos intactos ou revolvidos, foram estudadas em termos comparativos — quanto às características técnicas e formais — e ainda ao estado de conservação, com aquelas dos estratos da Idade do Ferro. Deste estudo (PINTO 2011; 2019), extraiu-se um número mínimo de formas, tratamento de superfícies e de decorações, embora estas não se possam expressar em termos estatísticos discretos, nem admitem distinções tipológicas entre as diferentes áreas de ocupação. No mesmo estudo se procedeu à caracterização das pastas cerâmicas (estudo técnico), donde a coleção do B Final (fase II) é observada em termos intercomparativos com a da fase I (Calcolítica) e III (I. Ferro), visando a observação dos diferentes aspetos da continuidade ou descontinuidade técnica (elaboração) ao longo do tempo. Ou seja, o conjunto das pastas cerâmicas identificadas e/ou separadas por grupos — I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI — dizem respeito às 3 fases (incluem todos os contextos), sendo, num segundo momento, averiguada a sua relevância estatística em cada um.

Em síntese, tanto a análise macroscópica como química mostrou que a matéria-prima poderia ter sido recolhida, na sua totalidade, em barreiros locais ou regionais, ainda que nem todas pareçam provir do mesmo “barreiro”. Em termos técnicos, a característica principal é a da continuidade regional no modo de fazer, desde o Calcolítico à Idade do Ferro, com uso dominante no Bronze Final das pastas I, III, VII e X. Na fase II a preferência global é, assim, por pastas do fundo pré-histórico regional (Calcolítico), caracterizadas pela sua grande compactidade e pouco brilho (I, III, VII)<sup>16</sup>, destacando-se mesmo a feitura dominante de recipientes com pasta I (com mais de 30% tanto na área leste como norte)<sup>17</sup>. Registe-se também que no Bronze Final a pasta X<sup>18</sup> já é relativamente rara, assim como nos contextos da I do Ferro mais antigos (com % em torno a 7%), acabando por desaparecer nos mais recentes. Essa continuidade, até ao desaparecimento na fase mais recente da I do Ferro, regista-se também com a pasta I. Em síntese, além das pastas de fundo pré-histórico (algumas das quais perduram pela Idade do Ferro adiante, como a I, III e VII), inicia-se também o uso da pasta VIII<sup>19</sup>, mais micácea, com claro uso na fase posterior, o que constituirá um certo indicador de continuidade global entre

---

16 Ver sua definição em: PINTO 2011, 2, p. 93 e seguintes.

17 As pastas I, II e III usam a mesma argila, mas diferenciam-se entre si pela quantidade e dispersão dos mesmos desengordurantes (ENP). A I é muito homogénea, de aspecto baço, compacta e difícil de partir, com % de desengordurante (ENP) muito baixa (c. de 5%), formados por quartzos, feldspatos (possivelmente adicionados como têmpera) e uma rocha xistenta/mica; estes ENP são finos (particularmente a mica) ou médios, estando estes últimos (em quartzo) por vezes caoticamente distribuídos. Foi bem batida/trabalhada (aspecto visível, por ex., na regularidade da distribuição dos ENP). A pasta II é característica de recipientes de pequenas dimensões, com tratamento de superfície muito cuidado (brunido ou polido), mas não pertence ao fundo pré-histórico calcolítico. A III é mais grosseira que a I nos seus ENP, mas revela, ou um processo de decantação, ou uma trituração prévia ao fabrico (PINTO 2011, 2: p. 98-102). A VII é mais grosseira e pesada que a I e III (e a II); pouco homogénea e muito porosa, é muito rudimentar (em termos comparativos), sujeita a tratamento exíguo (mesmo no seu batimento), tendo sido interpretada como um modo opcional, mas bem aceite, de elaborar determinados recipientes sem recurso a um grande investimento por parte de comunidades — conheciam bem outros modos mais elaborados —, sendo de sublinhar a sua continuidade de uso desde a fase I, passando pela II e III (do Calcolítico à I do Ferro).

18 A pasta cerâmica X é de qualidade média: pouco homogénea, compacta, pouco resistente e porosa, tendo ENP genericamente mal distribuídos, sendo os de quartzo de maior dimensão (micas e feldspatos pouco visíveis/raros); aponta para o uso da argila tal como era recolhida (não decantada). É pouco dura e pouco resistente e com pouco brilho (PINTO 2011, 2: p. 112).

19 É homogénea, compacta, resistente, apresenta brilho metálico de micas (tem elevada % de micas), mas é fácil de quebrar, embora não esboroe com facilidade, sendo característica da I do Ferro (PINTO 2011, 2: p. 109-110).

o Bronze Final e a I do Ferro do sítio, sendo este também o caso, já registado, há longa data, por M. Martins no curso médio do Cávado, na fase II (Transição Idade do Bronze-Idade do Ferro (MARTINS 1990: p. 148).

No que concerne ao tratamento de superfícies, que é o que lhe confere o “aspecto” mais visível, um aspecto importante da estética, registam-se duas tradições: a) a que se relaciona com a Pré-história local, com recipientes polidos, de formas globulares construídos com pastas de tipo I, III, VII e X, apresentando, geralmente, cores escuras; b) a inovadora que tem superfícies rugosas, cepilhadas ou areadas, de cores predominantemente vermelhas-escuras, pretas ou amarelas, dominantes nas pastas de tipo VI e VIII.

A tabela geral de formas foi publicada em 2008 (PINTO 2008, Fig. II-25) e nunca alterada. Indicam-se de seguida as formas que, tendo sido sujeitas a revisão, se mantêm nessa tabela, que continua a servir de referência.

Assim, em termos de formas, as que apontam para a permanência (em comparação com o Calcolítico) são, em primeiro lugar, as taças em calote/segmento de esfera, ou em semiesfera, (B1) podendo ter bordo esvasado (B2) (Fig. 9: 1, 2, 3, 6). Taças em tronco de cone, altas com fundo plano (B3a) (Fig.12:6); taças troncocónicas de paredes rectas (B3b e B4) (Fig. 9: 5, 9) e vasos de colo curto, com curva acentuada no bojo (simulando “carena suave”), e fundo plano ou aplanado (B6a, B6b), embora sendo raros, são discrepantes relativamente aos contextos pré-históricos locais calcolíticos, mas continuam na I do Ferro (sob diversas formas, mas já sem perfis angulosos) (Fig. 10:8 , 9), sendo de sublinhar que a forma B6b se apelida muitas vezes de “urna” (Fig. 10:8). B13 e B14 referem-se a recipientes de corpo subcilíndrico ou ovóide, alongado/alto e com fundo provavelmente plano, sendo levemente fechados. Aqueles com boca precedida dum pequeno estrangulamento (B14), são também usados na I do Ferro (Fig.10:3). Esféricos altos, abertos, de fundo plano ou plano-convexo, estrangulamento sob o colo, e bordo exvertido (B5a e B5c) podem apresentar, nessa forma, diversos índices de profundidade, configurando-se como semiesféricos de bordo muito esvasado em B5c, aonde podem ter fundo plano ou plano-convexo. Mas também se podem relacionar com, ou ter dado origem, à forma 6b da I do Ferro, aqui com corpo em perfil em S mais acentuado (PINTO 2008, Fig. II-26). Um só vaso alto, de corpo bicónico e, possivelmente, duas asas arrancando daquela curva na pança, tem ainda espigado inciso marcando horizontalmente a base da(s) asa(s) — forma B17 (Fig. 10:6), sendo parecido a algumas formas em “garrafa” de contextos do Bronze médio e final da região litoral. No grupo de taças de carena média, com boca levemente fechada (que são raras) — B5d, B8 e B11 — foram distinguidas variantes em função do perfil e da abertura da boca. Assim, B5d e B8 têm boca mais fechada, mas o perfil desta última (Fig. 10:1) é bastante anguloso, podendo relacionar-se com formas/taças de âmbito de *Cogotas I*. Esta relação “cultural” estende-se igualmente à taça B11 (rec. nº 1003), de corpo tendencialmente subcilíndrico, carena média e decoração incisa (profunda) na pança, bordo e lábio (Fig. 9:7), que, pela sua idiosincrasia, não estranharíamos que fosse peça importada. Estes recipientes de corpo anguloso, ou carenado, não estão presentes no Calcolítico; porém, pelo menos as taças, parecem estar noutros contextos pré-históricos regionais mais tardios — como no Medal (GASPAR *et alii* 2014) ou na vizinha Mamoa 1 do Castelo-Murça — e irão perder-se durante a I do Ferro.

Vasos globulares de colo estrangulado, por vezes com colo curto — B12c — (Fig. 10:4) ou de perfil em S mais suave, parecem anunciar já algumas formas da I do Ferro aonde acabam por dominar os de perfil em S.

Descrevemos, por fim, o vaso 474 (Fig. 10:7), que parece ser exemplar único no Crasto e foi incluído na forma 19. Em justeza stratigráfica/contextual não pode ser atribuído ao

Bronze Final já que dá corpo (com mais 2 vasos) ao ritual fundacional da área habitacional do Talude Leste, datada do séc. V (PINTO e SANCHES 2022). Esta forma composta de colo alto (subcilíndrico) terminando em boca fechada, na continuidade de uma pança ovóide assente em fundo plano-convexo, tem ainda duas asas arrancando do colo, bem perto da boca. Exibe um perfil anguloso, com “ombro”, tendo ainda a particularidade de todo o seu colo e base das asas terem sido decoradas pela incisão (profunda) de motivos de tendência geométrica, em disposição metopada, simulando o que parece ser uma fila de antropomorfos esquemáticos de mãos dadas, a rodear todo o colo. Aliás, toda a parte superior do recipiente se nos assemelha a um “pescoço” decorado (PINTO 2019), interpretação que, embora pessoal, deve ser tida em conta na aproximação ao universo simbólico destas populações da Idade do Ferro inicial. Se esta forma e decoração parecem remeter para contextos extrarregionais do Bronze medio e Final — como é o caso, por ex., dos potes da forma 8 da região do Cávado (BETTENCOURT 1999), ou dos 3 recipientes decorados (da forma 8) da Bouça do Frade (JORGE 1987: Fig. 32, 35 e 43) —, por outro, esse “pescoço decorado” — com “colar” de linhas incisivas longas, verticais, paralelas entre si (no interior e exterior do recipiente) — também nos parece evidente no recipiente nº “1 -CP-03-2372”, do início da I do Ferro no Crasto (Fig. 12: 3), e que se integra na mesma forma genérica. Este, porquanto tenha perfil muito mais suave que aqueles de Baião ou Cávado, tem também no Crasto os seus precedentes na I do Bronze Final (Fig. 12:5).

A maioria dos vasos é lisa, mesmo assim por vezes com tratamento de superfície em espatulado ou polido, outras vezes “cepilhado” / vassourado (PINTO 2011, 1), ou mesmo brunido, como se disse acima. Nas decorações sublinhamos: a) a decoração plástica/em relevo (mamilos e cordões) (Fig.12:5); b) a incisa e, após a pasta seca, igualmente incisa/rasgada, de tipo “Baiões” (Fig.9:8); c) a incisa funda e/ou excisa de tipo *boquique* (um só recipiente) (Fig. 9:7); d) as linhas incisivas — normalmente formando faixas sob o bordo (taças) —, desenhando triângulos (Fig.9:2 e 3), ou dispendo-se paralelamente de modo vertical no colo do recipiente (Fig. 12:5); e) as linhas espatuladas (linhas incisivas largas, pouco profundas). Devemos acrescentar o “espinhado” sobre o lábio e a meio da pança/carena, além de alguns bordos denteados (Fig. 9:5; Fig. 10:4).

## 4. CRASTO DE PALHEIROS NA IDADE DO FERRO

### 4.1. Cronologia absoluta

Todas as datas do quadro 1 e Fig. 8 se encontram atualmente publicadas (SANCHES 2008; SANCHES 2025 no prelo).

Apesar dos problemas insanáveis que permanecem na calibração de datas do 1º mil. AC — nomeadamente entre 2500 e 2400; ou, ainda, em torno a 2200 BP (JORDÁ PARDO *et alii* 2020) — temos de aceitar as suas contingências e procurar, pelo menos, caracterizar a transformação do povoado nos seus momentos essenciais.

Como se disse acima, a fundação do povoado da I do Ferro centra-se genericamente entre 500 e 400 a.C. (Fig. 8 e Tabela 1) em todas as suas áreas mais baixas (plataformas e taludes). As datas do TEL: Ua-22219 (747-364 cal AC) e Ua-22218 (736-382 cal. AC), datam o ritual fundacional nessa área e que consideramos o ritual fundacional do povoado (SANCHES e PINTO 2022), aonde se articula com as cerâmicas mais arcaicas (nas pastas e formas, não na decoração) da I do Ferro. As datas, Ua-18527 (387 – 107 cal AC) e CSIC-1219 (402-198 cal. AC) são também os contextos mais antigos desta área da Plataforma inferior Leste sendo, apesar de tudo, de perceber que os valores alargados da data Ua-18527, que data o contexto [87] — e que se situa na base da ocupação de alguns quadrados —, deverão decorrer da amplitude (margem de erro) da data inicial BP. De igual modo, na área Norte, CSIC-1962 (785-326 cal. AC) data o contexto que do ponto de vista estratigráfico se encontra na base da

ocupação dessa área (e melhor se conservou), relacionando-se igualmente com as cerâmicas mais arcaicas. Na sua análise global, articuladas com a estratigrafia, correspondem ao que denominámos de fase III-1<sup>20</sup>.

A continuidade da ocupação da Plataforma Inferior Leste (ainda nesta fase III-1) documenta-se pelas duas datas que a seguir nomeamos. São as datas ICA\_17C/1150 (394-206 cal AC)<sup>21</sup>, o que levou à reavaliação estratigráfica e contextual da amostra que deu a data CSIC-1406 (401-210 cal. AC.). Por sua vez, na Plataforma superior Leste, aonde já valorizáramos uma camada vestigial do Bronze Final, também consideramos a que a recobre, da I do Ferro, acompanhada de algumas cerâmicas (vasos de perfil em S marcado), cuja data é CSIC-1281 (350 AC-viragem da Era, com o intervalo de 208-38 AC em 84,7% de probabilidade). Ou seja, talvez por falta de escavações alargadas no recinto superior, por ora este exhibe uma ocupação mais recente que as áreas mais baixas.

Um elevado número das datas restantes — Ua-22883, Sac-1972, CSIC-1805, CSIC-1404, CSIC-1405, CSIC-1403, CSIC-1279, Sac-1970, CSIC-1691— referem-se ao incêndio, já desenvolvido noutras publicações, que terá ocorrido na viragem da Era, ou, provavelmente, por volta de 80-100 AD, e que afetou também de modo claro, por ex., uma U Habitacional no Recinto Superior (CSIC-1691).

#### 4.2. As mais marcantes transformações espaciais e arquitetónicas do povoado

Sem que possamos criar subfases discretas dentro da ocupação da Idade do Ferro, adiantaríamos que há um período fundacional em torno dos meados/finais do séc. VI-inícios do V a.C., e uma ocupação progressiva das zonas mais abrigadas, nas plataformas mais baixas, tanto na área leste como no norte, sem que o povoado mostre ter qualquer construção demarcadora pelo exterior<sup>22</sup>. O ato fundacional da ocupação da área do talude leste (TEL) reveste-se de grande importância pela conjugação de 3 recipientes cujas formas, pastas e decorações — muito diferentes entre si — associam, num só rito, tradições arcaicas (inscritas na tradição) e atuais (PINTO e SANCHES 2022: Fig. 5) (Fig.10: 7 e 9). As Unidades habitacionais — indicadas por anteparos, lareiras, adobes/barro de revestimento — distribuem-se por toda a parte mais baixa, entre 560 e 570 m de altitude.

Por volta do final do séc. III/início do II, parece que o povoado se expande para as plataformas superiores — datas CSIC-1281 e ICA-17C/1133, mantendo-se a ocupação na área habitacional do talude leste (TEL) (Ua-22882). Embora não haja nenhuma amostra que date de modo exacto a fundação do muro do Recinto L — pois foram goradas as tentativas de datar a Estrutura de Deposição Funerária (EDF) que se lhe associa<sup>23</sup> (Fig.5) (NUNES e RIBEIRO 2000), ou que com ele se relacionem de modo estreito —, é na sequência estratigráfica e artefactos que apoiamos a interpretação de que este recinto pétreo terá sido construído aproximadamente no mesmo período. Ou seja, entre o séc. III e o II a.C. (em torno ao ano 200), aonde, a par da expansão espacial povoado — com eventual fundação da muralha do Recinto Superior<sup>24</sup> —, se construiu esta alongada cerca pétreo (Fig. 5). Na realidade a sua entrada monumental encosta também à muralha do Recinto Superior, embora não

---

20 Dulcineia Pinto interpreta as datas desta fase III-1 como estando compreendidas entre 600/500 e 300/200 a.C. (PINTO 2019: p. 43), num leque cronológico que atende ao intervalo máximo das datas, argumentando nós aqui uma interpretação algo diferente no que respeita ao início do povoado.

21 Que foi realizada diretamente sobre *Panicum miliaceum* recolhido na camada inferior, 2b (SANCHES 2025).

22 Em função da limitada área escavada, que nunca se fez contra a muralha do recinto superior, aonde esta se encontra conservada, julgamos estar ainda por aferir se teria existido, nesta fase inicial, uma cerca/muralha rodeando esta parte soerguida do sítio, ou se esta pertence a uma fase intermédia da vida do povoado. (Ver as duas notas seguintes)

23 É interpretada como sendo uma estrutura fundacional do muro do Recinto L.

24 Esta é uma hipótese interpretativa, aduzidos que foram os motivos na nota anterior. Por razões que se prendiam com compromissos com a Camara Municipal (musealização final do sítio), tivemos de intervir nas zonas mais destruídas do sítio, como temos vindo a repetir. Para sabermos se o povoado da I Ferro começara com uma cerca “formativa” do Recinto superior, teríamos de escavar a sua zona leste, que está bem conservada e inclui mesmo uma entrada monumental.

saibamos, em termos estruturais, de que modo se fez. Ou seja, se se trata de um adossamento a uma estrutura prévia<sup>25</sup>, que aqui se traduz num torreão<sup>26</sup>, se são uma e mesma estrutura.

Esta reconfiguração arquitetónica do povoado, que agora também divide duas áreas habitacionais (a da plataforma e a do talude leste) marca um investimento continuado no sítio, e, por certo, uma mais visível e determinante reorganização do espaço. Com efeito, dentro do Recinto L, as unidades habitacionais incendiadas (de uso posterior) (SANCHES e PINTO 2008) mostraram que ali foram desenvolvidas atividades particulares de armazenamento de bens agrícolas e de consumo — particularmente no seu extremo sul (LEITE *et alii* 2018: Fig. 9) —, a par de consumo rotineiro e calendarizado/ritualizado (SANCHES 2016). O fabrico de contas de vidro com lamelas de ouro é também de realçar, numa área que ainda só se escavou parcialmente.

De acordo com a intenção deliberada de conferir a esse espaço funções sociais particulares, compreendemos a singularidade do ato ritual de deposição de relíquias na sua fundação (ou seja, na EDF), que compreendem, no seu conjunto, restos de ossos de crânio humano (provavelmente descarnados noutro lugar, ou que até tenham circulado já como relíquia), e outras “coisas”: pendentes em bronze e conta de vidro azul (Fig.11). Esta deposição marca, a nosso ver, um espaço liminar com múltiplos sentidos. Se ao estar inserido no muro da cerca/recinto, divide áreas habitacionais em uso, por outro, naquela localização espacial específica, separa igualmente a zona sul do Recinto L (de armazenamento e consumo calendarizado), daquela da zona “industrial” e com unidades habitacionais de uso rotineiro (LEITE *et alii* 2018: Fig.9).

#### 4.3. Algumas notas sobre o conjunto cerâmico da Idade do Ferro

Dado que este assunto foi objeto de publicação (PINTO 2011; 2019), deixamos aqui somente as notas que nos parecem mais pertinentes.

Os contextos datados da fase III-1, a mais antiga, são aqueles aonde se verificam mais continuidades com o conjunto da primeira metade do 1º milénio a. C. Tais semelhanças manifestam-se tanto à escala das pastas cerâmicas (executadas maioritariamente na pasta I), como na forma dos recipientes aonde se mantêm, por ex., muitos fundos plano-convexos. As % de decoração são sempre baixas, mas os conjuntos cerâmicos não se podem comparar por discrepância quantitativa. Porém, nas técnicas e organizações decorativas, observa-se que, embora continuem os cepilhados, espigas, decorações plásticas e bordos denteados (Fig. 9:5) emergem desde logo dois conjuntos, duas imagéticas (PINTO 2019: p. 41) que irão marcar daí em diante os conjuntos ceramológico da Idade do Ferro: os “*penteados/decorações a peine*” e os estampilhados, estes últimos particularmente na zona leste do povoado (Fig. 12: 1 e 2). Chamamos aqui a atenção para o recipiente da Fig. 12-2, recolhido na base da sequência estratigráfica da primitiva /quebra da plataforma (PIL), cuja decoração, complexa, é feita por incisão a punção, ou espátula larga (faixa no colo), a que se seguem duas filas de espirais/círculos concêntricos (incisos/desenhados a pente) intercaladas de uma fila de incisões a pente. Uma 5ª fila de motivos triangulares é impressa a matriz (Organização XXXIV3c). Estes estampilhados, ainda que raros, surgem já na fase de Transição Bronze Final/Ferro (fase II da Bacia do Cávado), afirmando-se na fase seguinte (fase III) (MARTINS 1999; BETTENCOURT 1999). Porém, não estão ausentes na Meseta, nem Alto Côa, como o é, de entre outros exemplos, o do Sabugal (OSÓRIO 2005).

Embora este texto não discuta os diversos artefactos metálicos do sítio (que são sobretudo adornos), não podemos deixar de referir o quão importante, e identitária, será a imagética impressa para os habitantes do Crasto pois que, precisamente, um dos pendentes de bronze da EDF tem tam-

25 Ver comentário da nota anterior.

26 Muito destruído pela pilhagem de pedra, mas ainda bem visível.

bém uma faixa decorativa complexa que junta, em sequência, duas filas de impressões triangulares, intercaladas de impressões em pérola (Fig. 11: 3 e 5). Assemelha-se assim ao vaso supracitado (que foi exumado num estrato abaixo da EDF), numa estética que parece fazer dos recipientes decorados (a estampilha) materiais exóticos, de grande significado social e ideológico. Por sua vez, o outro pendente (em meia-lua), é também impresso com uma matriz “em âncora”, a qual faz sobressair, novamente, elementos em pérola, e cujo efeito decorativo lhe confere maior circularidade e exuberância. A expressão regional dessa imagética “em âncora” será de avaliar em futuros estudos, atendendo a que um pendente em bronze em forma de âncora foi exumado na Fraga dos Corvos (sector A), integrável no Bronze Final por uma parte da equipa (MARTÍNEZ *et alii* 2022b), mas já de “Transição Bronze Ferro” por J. Represas (REPRESAS 2014).

Por fim, devemos sublinhar a importância da decoração *a peine*, que se manterá igualmente em toda a vida do povoado, com percentagens que variam espacialmente, representando entre 7% a 26% da cerâmica decorada (Fig. 12:1).

Deste conjunto de estratos mais antigos provém ainda os fragmentos do *Krater* (pintado de preto e laranja avermelhado) (Fig.11:1).

## 5. CONTRIBUTOS PARA UMA DISCUSSÃO

Se a cronologia absoluta indica uma fase antiga (fase II do Crasto), entre aproximadamente 900 e 500 a.C., e o início da fase III (III-1) é colocada por volta de 500 a.C., esta parametrização, argumentada em 1.1 e 4.1, decorre da sobreposição temporal, durante o séc. VI a.C., entre a data Ua-22217 (fase II) — com alargado intervalo de confiança —, e aquelas, mais coesas e sobreponíveis entre si, do início do povoado da I do Ferro<sup>27</sup>. Também se escora em dois outros indicadores: i) a distribuição espacial e consistência estratigráfica dos estratos que, aparentemente sem qualquer interrupção, dão origem a uma longa ocupação da Idade do Ferro — no caso da fase III-1 —, que se prolongará por cerca de 550 ou 600 anos, até ao (final?) séc. I AD, por comparação com os da fase II — espacialmente descontínuos e pouco espessos; ii) as mudanças no repertório cerâmico (e metálico) que, embora na continuidade da fase II, carregam, logo no início da fase III, novas estéticas e estilos — os *peinados* e os *estampilhados*. Estas últimas apontam dinâmicas culturais ainda mal definidas com regiões geográficas amplas, voltadas a Oriente e a Sudeste, no caso das decoradas *a peine/peinadas*, quer com os seus vizinhos próximos — Fraga dos Corvos (REPRESAS 2014), Crestelos-Mogadouro<sup>28</sup> ou mais distantes, da Beira alta/Beira interior — Castelo Velho da Meda, Sabugal (Guarda) (OSÓRIO 2005; 2006; VILAÇA 2022) —, e das regiões de Salamanca - Cáceres (ÁLVAREZ SANCHÍS 2010), no caso das decoradas *a peine*. E voltadas a Oeste e a Noroeste, no caso das cerâmicas estampilhadas, com ênfase para círculos concêntricos (MARTINS 1990; BETTENCOURT, 1999), ainda que estas surjam também no Alto Côa e Meseta. É também nessas relações de intercâmbio alargadas, por certo integradas em práticas de economia política, que se integra o *Krater* púnico, e o caldeiro, datado desta fase III-1 (PINTO 2008b; SANCHES 2016).

Nesta cronologia ampla — séc. X- IV/III — se alberga a discussão, de há décadas, entre o que deve ser considerado Bronze Final, Idade do Ferro e, nas últimas décadas, a fase de “transição Bronze-Ferro” (MARTINS 1990; BETTENCOURT 2005; 2013: p. 37), “Proto-história antiga” (VILAÇA 2000), ou “Soto Formativo” (ESPARZA 2016) na vizinha Zamora e Salamanca, aonde também A. Blanco (BLANCO-GONZÁLEZ 2010) opta pelo de “Transición Bonce-Hierro”. Em suma, a fronteira e simultânea ligação cronológica e cultural entre a Pré-história e a Proto-história, que difere entre os

---

27 Ua 22218; Ua-22219 e CSIC-1962.

28 Observação pessoal de cerâmicas decoradas *a peine* em Crestelos.

autores, e se adapta às regiões (e desenvolvimento da investigação nestas), de modo que, R. Vilaça em data mais recente, já abandona aquele termo (VILAÇA 2022). A discussão centra-se normalmente no período que medeia entre o séc. VII e o VI a.C. (ou VII/VI-IV, no caso de A. Bettencourt (2005)), no qual, se atendermos somente ao intervalo temporal, inscreveríamos a metade final da fase II do Crasto. Tal discussão decorre, repetimos, do impulso de novos trabalhos de campo em diferentes regiões que, a partir da década de 1980, nelas consolidaram as características do povoamento do Bronze Final — antes dependente sobretudo de achados (metálicos) com frágeis contextos —, porquanto mais complexo e heterogéneo do que se supunha (VILAÇA 1995; JORGE, 1996), sobretudo porque se aborda num contínuo temporal e espacial, enraizando culturalmente, pelo menos nos meados do II milénio a.C. (Bronze médio, quando este se conhece) (BETTENCOURT 2013; VILAÇA *et alii* 2020). Em Trás-os-Montes, que abordamos não como província administrativa, mas como o conjunto de territórios interiores a leste do Marão (Fig.13), os dados de escavações são menos impressionantes para o período que nos interessa. Embora se tenham escavado ali, e de modo extensivo, dois “castros” — Castelinho (SANTOS *et alii* 2013) e Crestelos (no vale do Sabor), e de modo muito parcial, S. Juzenda -Mirandela (HÖCK 1980) — os dois últimos aparentemente com vestígios do Bronze Final, a ausência de uma publicação detalhada naqueles extensamente escavados impede análises fundamentadas sobre as características arqueográficas, espaciais e de evolução temporal. Ficam-nos informações mais circunstanciadas do Crasto de Palheiros e Fraga dos Corvos.

Assim, por razões de espaço, e não porque não sejam relevantes ao tema, optámos por não abordar, no território de Trás-os-Montes, os achados metálicos, estátuas-menires, ou mesmo arte rupestre<sup>29</sup>, que acarretariam, desde logo, grande discussão cronológica.

Centrando-nos nas ocupações do Crasto de Palheiros diremos, por um lado, que o povoado do Bronze Final é uma instalação *ex-novo*, passado mais de um milénio sobre a ocupação prévia. Por outro, que a transição Bronze Final - Ferro se pode estabelecer pelos meados do séc. VI / inícios do V a.C., se atendermos à ocupação efetiva deste relevo residual por sociedades agro-pastoris e metalúrgicas a partir dessa data, numa configuração de povoado aberto (nesta cronologia) sem cercas ou muralhas de qualquer natureza. Porém, sendo provável que o sítio tenha sido ocupado na fase II até aos meados do séc. VI a.C., de acordo com alguns estratos bem conservados e atendendo à grande continuidade de algumas formas (e pastas) cerâmicas, coloca-se a possibilidade de, pelo menos as mais recentes ocupações desta fase se encontrarem em continuidade com a posterior, o que dificultaria divisão tão assertiva. Em síntese, estamos em crer que as diferentes ocupações da fase II (talvez por algumas décadas de cada vez), sedimentaram nas comunidades regionais que ocuparam a crista, o sentido de lugar para habitar, as referências grupais e memória coletiva, estas sim estruturantes na reocupação tornada intencionalmente tão definitiva que acarretou um ritual fundacional aonde se integram dois recipientes por certo guardados de outros tempos anteriores como memórias, e um outro — um potinho —, característico da I do Ferro.

Como diversos autores referem constantemente, cada região tem percursos singulares, somente agregáveis a uma escala de síntese quando existem dados regionais fiáveis e quantitativamente significativos, o que não acontece com Trás-os-Montes.

Numa tentativa de entendermos o povoamento na I do Bronze Final, elaborámos o mapa da Fig. 13, pois a cartografia, por mais imperfeita que seja, estimula a reflexão. Este mapa, embora com dados diferentes entre si (merecendo uma discussão que destinamos a um texto próximo), mostra um número assaz reduzido de povoados/locais habitacionais: 21. Três casos são sítios dos meados do II milénio, na transição para o Bronze Final (ainda que alguns em áreas adjacentes) — Medal,

---

<sup>29</sup> Com grande expressão nos planaltos de Valpaços e Carrazeda de Ansiães, sendo conhecidas, deste período, as lanças gravadas na Fraga dos Fusos (Sortes, Serra de Nogueira) (SANCHES 2019).

Monte da Poia e Quinta do Rio, Alto das Meadas/Castelo Velho do Monte Meão. Foram elencados objetivando o entendimento de outras “continuidades” espaciais de alguns dos outros sítios, nomeadamente em Fraga dos Corvos (SENNA- MARTÍNEZ *et alii* 2022a). Outros povoados do Bronze Final nos interessam de igual modo, em particular aqueles que têm datas absolutas, como é o caso do Alto de Santa Ana (SANTOS 1995), ou os que contaram com escavações publicadas, especialmente Castelo de Aguiar (SILVA 1999), Quinta das Laranjeiras (RIBEIRO *et alii* 2013), Quinta de São Lourenço (RAMOS 2016) e S. Juzenda. Se é certo que as descobertas seguem as áreas onde se desenvolveram projetos de investigação e/ou arqueologia de salvamento, apresentamos as seguintes hipóteses interpretativas, ainda que de modo necessariamente sintético.

A cronologia absoluta, embora baseada datas com grandes intervalos de confiança e somente em 3 sítios — Alto de Santa Ana<sup>30</sup>, Crasto de Palheiros e Fraga dos Corvos <sup>31</sup> (Fig. 8a) — evidencia i) que o Bronze Final aponta o leque temporal compreendido entre o séc. XIII-IX a.C., em Santa Ana, sobrepondo-se, no séc. IX, às duas datas mais antigas da fase II do Crasto, e, marginalmente, à data Sac-2646 da Fraga dos Corvos (nos finais do IX-inícios do séc. VIII a. C.); ii) as 3 datas de Fraga dos Corvos (todas do nível 5) (LUÍS 2016) sobrepõem-se genericamente à mais recente do Crasto e têm uma distribuição de probabilidades muito “fragmentada “ entre o séc. X e o V a.C., sendo que uma leitura possível dessas probabilidades, poderá apontar o intervalo entre o final do séc. VIII e o início do V a.C. Coincidiria, deste modo, já com a fase III-1 do Crasto, simultaneidade que é visível numa das estilísticas comuns a ambos os sítios — as cerâmicas *peinadas*.

Por sinal, trata-se de 3 sítios com implantação geográfica/topográfica muito diferente entre eles, mas que, no seu conjunto, dão conta da tipologia da quase totalidade dos sítios desta cronologia ampla (registados no mapa da Fig. 13), sempre com domínio amplo à paisagem em redor (nalguns casos, sobre vales de rios), mas afastando-se de ecossistemas de alta montanha<sup>32</sup>: i) relevos residuais dominantes (Crasto de Palheiros, Souto de Escarão, Alto de Santa Eufémia, Castelo Velho de Seixas do Douro); ii) esporões, relevos residuais ou plataformas de meia encosta (Fraga dos Corvos, Adeganha, Crastas de Santiago, Castelo de Aguiar, Castelo dos Mouros do Cadaval), ou em remate de esporão (S. Juzenda, Vila Velha, Castelar/Puio)<sup>33</sup>; iii) pequenos morros baixos (Alto de Santa Ana e Cabanas de Cima). Há ainda a anotar povoados com estruturas negativas em áreas adjacentes ao rio — Terraço das Laranjeiras/Sabor —, e Quinta de S. Lourenço (Bragança), este em zona aplanada (planalto de Bragança) e rica em água.

Se alguns podem ter tido “cercas” ou taludes pétreos, ou em terra e pedra, delimitadores do espaço habitacional — e, aparentemente, indicadores de um mais continuo investimento grupal — S. Juzenda, Alto de Santa (Chaves)<sup>34</sup>, Souto de Escarão, Fraga dos Corvos e, possivelmente, Puio —, na maioria não se detectaram (ou não são visíveis) estruturas delimitadoras. Tal facto aponta para a heterogeneidade formal, espacial, arquitetónica, e aguarda uma investigação futura que atenda também à sua cronologia.

---

30 Recolhidas nas camadas 2, 3 e 4 (SANTOS 1995). Ver Fig. 8.

31 [467] é um nível de ocupação associado a duas estruturas: uma lareira e a uma fossa (LUÍS, 2016:241 e Tabela 10). As datas recolheram-se nas 3 UEs — [467], [467/582] e [636] — do nível 5 (Sector A) SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022 b). Ver ainda a nota 12 do presente texto.

32 Havendo sempre exceções de explicação difícil, apontamos o Souto de Escarão (Murça), em relevo culminante, em torno a 1000 m de altitude e rodeado de uma cerca (identificado pela autora). Embora sem escavações, pode apontar para um sítio doutra natureza, que não um povoado de uso rotineiro.

33 Vila Velha-Vila Real: Endovélico e observação das cerâmicas e material didático respetivo no núcleo museológico; Puio: Data de C14 inédita (Projeto HistPP) e (PINTO 2005).

34 Em Santa Ana, apesar da reduzida área escavada, verifica-se efetivamente a criação de uma “cerca” ou patamar pétreo que escora/sustém as camadas 2 e 3, estando por apurar a sua relação com a camada inferior: cam. 4. Assim, desconhece-se a sequência estratigráfica completa e se a “cerca” rodearia a pequena elevação, ou, pelo contrário, se seria um dispositivo pontual de organização do povoado através duma plataforma, tal como observámos pessoalmente.

Fraga dos Corvos merece um lugar à parte na nossa análise, em face (i) da existência duma muralha em talude rodeando a parte não escarpada do cabeço/esporão; (ii) da riqueza de achados metálicos (em todas as áreas e ainda no Abrigo 2; (iii) da metalurgia local de bronzes binários no Bronze Médio; (iv) da diversidade de artefactos, nomeadamente recipientes cerâmicos — e sua estilística distintiva —, inseríveis, *grosso modo*, no Bronze médio uns (*Cogeces/Proto-Cogotas*) e Bronze Final/Idade de Ferro, outros (lisos, *peinados*) (SENNA MARTÍNEZ *et alii* 2019; SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022a); (vi) da presença de artefactos gravados, em cerâmica e rocha, onde se destaca, como possível adorno, uma placa de grés com cabeça de cavalo (setor A) (SENNA-MARTÍNEZ e LUÍS 2017:97, nº 39). E ainda, (vii) de restos arqueozoológicos de animais domésticos<sup>35</sup> e (viii) datas de C14, dados que constam de diversas publicações já citadas neste texto (por ex., SENNA MARTÍNEZ *et alii* 2019), embora aquelas sejam difíceis de analisar no seu pormenor<sup>36</sup>.

Mesmo assim, e correndo naturais riscos de deficiente interpretação, queremos concorrer positivamente para a análise deste tão importante e idiossincrático sítio transmontano, datável dos finais da Pré-história e inícios da Proto-história.

A implantação inicial faz-se no Bronze Médio, no que é indicado pelas cerâmicas *Cogeces/Proto-Cogotas* que ali têm expressão tão peculiar, incluindo imagéticas impressas a pente, em organizações decorativas que são, em larga medida, sem par noutros sítios. A associação destas cerâmicas *Cogeces* à fundação da muralha em talude — só escavada no setor M — (LUÍS *et alii* 2012)<sup>37</sup>, e simultaneamente, a cerâmicas *peinadas* — a par de artefactos metálicos atribuídos ao séc. VII-VI a.C.<sup>38</sup> —, dever-se-á a (i) fenómenos de transformação natural — erosão, ablação, compactação —, e/ou antrópica de estratos do Bronze Médio, admitida pela equipa nalgumas publicações (LUÍS 2016; REPRESAS *et alii* 2013:77); ou (ii) a uma ocupação sequencial Bronze Médio-Bronze Final/transição I do Ferro. Assim, no setor M, a primeira hipótese pode admitir hiatos ocupacionais (não registados de modo empírico na estratigrafia); a segunda permite pensar numa ocupação temporalmente longa e contínua de cerca de 1 milénio — de c. de 1500 a 500 a.C. Em alternativa, esta última poderia ser mais curta, contínua, tendo início nos finais do II milénio a.C., com extensão temporal até ao séc. V a. C. Ou seja, nesta última hipótese o sítio (setor M) revelaria uma cultura material algo “conservadora” porque identificável com cerâmicas *Cogeces/Proto-Cogotas*, auferindo, por volta do séc. VII/VI a.C., de novos influxos estilísticos também mesetenhos e/ou da região da Beira/Vale do Côa. Com estas afluências de gostos ou de materiais, relacionamos a imagética tendente ao antropomorfismo, observável tanto no recipiente da Fraga dos Corvos (SENNA-MARTÍNEZ e LUÍS 2017:114, nº 26; REPRESAS 2013: Fig. 2 e 4) como no vaso fundacional do Crasto (Fig. 10:7), datado dos finais do séc. VI a.C.

Os resultados das escavações do setor A, se vistos no seu conjunto, revelam uma problemática similar, à exceção de que aqui se encontram níveis mais antigos (pelo menos do 7, mais antigo, ao 3)<sup>39</sup> — aparentemente, sem cerâmicas decoradas *a peine* —, os mesmos que, por sinal, exibem já recipientes de colo alto (por vezes espessado) — formas B1 a B6 — (LUÍS 2016: pp. 28-29) que, a nosso ver, se podem atribuir regionalmente ao Bronze Final ou transição Bronze Final/Idade do Ferro. Possui ainda, como técnicas decorativas pouco usadas, a excisão e *boquique*<sup>40</sup> (LUÍS 2016:

---

35 Sobretudo associados/em sequência à fundação da muralha em talude (setor M): ovinos/caprinos, bovídeos e javali/porco (por esta ordem).

36 Uma das dificuldades advém do facto de não se terem publicado cortes e/ou matrizes estratigráficas.

37 E ainda a estratos revolvidos.

38 Um bronze/9 fíbulas: de tipo Acebuchal (3), Bencarrón (3), dupla mola, anular hispânica; pinça e anel espiralado; ainda faca afalcatada de ferro com rebites em bronze e contas de vidro (LUÍS *et alii* 2012; SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022a).

39 Os mais antigos são o 7 e 6.

40 Facto igualmente verificável no muito revolvido Abrigo 2 aonde aparecem cerâmicas de todas as tipologias detetadas no cabeço.

pp. 279-280). Mas na sua área norte, já este sector regista cerâmicas *peinadas* em contexto (REPREZAS *et alii* 2013: Fig. 7) e, no conjunto do setor A, há metais tardios, do Bronze Final ou Transição Bronze-Ferro<sup>41</sup>. De igual modo, algumas das decorações muito originais, impressas a pente do Setor A — nomeadamente C24, C26 e C27 (LUÍS 2016: p. 30 e Figura 5) —, mas entendidas como sendo *Cogeces/Proto-Cogotas*, assemelham-se bastante àquelas de Castelo de Matos-Baião (FIGUEIRAL e QUEIROGA 1988), sítio que é datado pelo C14 do séc. IX a.C. (QUEIROGA e FIGUEIRAL 1989), de modo que a imagética da cerâmica, principalmente se muito elaborada, nos aconselha cautela quanto à sua validade cronológica, na ausência de estratigrafias conservadas e/ou associações claras a outros artefactos e a datas absolutas.

Configura-se no setor A, ou uma aparente melhor conservação dos estratos — 6 a 7 fases de ocupação —, mercê da qual a diferente estilística cerâmica tem uma atribuição cronológica mais segura, aonde a cerâmica *Cogeces* — estando associada a *boquique* e excisão — marcaria um momento antigo dos meados do II milénio a.C. em diante. Porém, as 3 datas de C14 do nível 5 — caracteristicamente muito antigo — são coesas entre si no seu intervalo temporal, falando dum período que vai do séc. IX ao V a.C. Intrusões da responsabilidade de ocupações posteriores, como admite a equipa (SENNA-MARTÍNEZ *et alii* 2022 b), são explicações viáveis, mas não solucionam o problema da continuidade temporal efetiva na ocupação da Fraga durante um milénio, que não está, a nosso ver, comprovada. Porque, adicionalmente, e de permeio, a ocupação — deposicional (?), de artefactos excepcionais, de bronze, e de uso rotineiro — do Abrigo 2, pode ter ocorrido em diferentes momentos, e manifestar, também como hipótese, essa frequência pontual, mas repetida, da fenda rochosa entre a I do Bronze médio e a Transição Bronze Final/Idade do Ferro.

Na realidade a Fraga dos Corvos é um recinto monumentalizado no início do 1º milénio a.C. — do séc. VIII a final do V a.C. —, fundamental na compreensão deste período em Trás-os-Montes, nomeadamente no que respeita à continuidade do povoamento e ao envolvimento das populações regionais em relações alargadas de economia política. Todavia, no séc. VI/V a.C., e neste âmbito, é paralelizável cronológica e culturalmente com o Crasto de Palheiros, idiossincrático à sua maneira, num período que temos apelidado (já) de Idade do Ferro e cujo povoado se estenderá ali por centenas de anos.

Por fim, são ainda mal conhecidas as tradições cerâmicas do Bronze Final (e igualmente as da I do Ferro) dos territórios interiores de Trás-os-Montes. Com os dados que dispomos, revelam-se bastante heterogéneas, dominando, aparentemente, recipientes lisos, com uma ou outra exceção de cerâmicas de *boquique*, hipoteticamente importadas e/ou mantidas como memória comunitária em cronologias já da viragem do II ao I milénio a.C., ou do início deste. Aquelas polidas/brunidas são também raras, mas o estudo da cerâmica rotineira, tanto do Bronze Final, como da I do Ferro tem ainda um longo caminho a percorrer, a par dos processos formativos dos estratos donde estas se recolhem, pelo que este texto não é do que um contributo modesto à discussão do tema.

## 6. ALGUMAS CURTAS CONCLUSÕES

Da exposição feita, que visou reavaliação da ocupação do Crasto de Palheiros durante o 1º milénio a.C. — sobretudo nas suas fases II (Bronze Final) e articulação desta com a fase III (Idade do Ferro) —, sua comparação com a Fraga dos Corvos e inserção no ainda pouco conhecido povoamento de Trás-os-Montes “interior” entre os séculos XII e V a.C., elencamos, de modo muito sintético, as principais conclusões. Estas apoiam-se ainda em 36 datas de C14: 29 do Crasto de Palheiros, 3 da Fraga dos Corvos e 4 do povoado Alto de Santa Ana, que já foram discutidas.

---

41 Fíbula Bencarrón, 2 pependentes ou terminal de torques em campânula, e lâminas de faca em ferro.

O Crasto de Palheiros assume-se como uma instalação *ex-novo* dum povoado a partir do início do séc. IX a.C. (fase II) nas plataformas intermédias da crista quartzítica, configurando ocupações descontínuas no espaço e, muito provavelmente, no tempo. Vincular-se-ia, porventura, a modelos de ocupações de curta duração, repetidos até à viragem do séc. VI a.C., que aventamos pudessem ter sido de mobilidade plurianual. Se a continuidade espacial e temporal “da ocupação” (se vista no seu conjunto), além de outros aspetos da cultura material (sobretudo pastas e formas cerâmicas) que também se encadeiam na do povoado da I do Ferro (fase III), constituem um marcador de ligação secular de grupos regionais a este relevo residual durante a primeira metade do 1º milénio AC, as alterações que ocorrem por volta dos meados/finais do século VI - inícios do V a.C. são também assinaláveis. Destacamos como aspetos relevantes (i) novas imagéticas na cerâmica: as *peinadas*/decorações *a peine* (com grande representatividade estatística) e as estampilhadas, emoldurando relações simultâneas com a região litoral e interior peninsular e a ocupação, (ii) e a permanência ininterrupta dum grupo humano agro-pastoril e metalúrgico de razoável dimensão que, ao persistir ali por c. de seis séculos, conduziu a grandes transformações arquitetónicas no povoado.

O quadro do povoamento do Bronze Final regional padece de demasiadas lacunas, estreitamente interligadas no prolongamento de dúvidas que suscitam e que decorrem (i) dum reduzido número de estações escavadas, portanto mal conhecidas, (ii) da marcada indefinição do que é “o Bronze Médio” — de que modo pode ser regionalmente definido na sua cronologia e demais aspetos arqueológicos/arqueográficos; (iii) da frugal existência de sítios com (poucas) datações absolutas cada um: Alto de Santa Ana, Fraga dos Corvos e Crasto de Palheiros; (iv) da parca informação sobre povoados que mostram continuidade (aparente) entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, cabendo os conhecidos todos, à exceção de Quinta das Laranjeiras, na categoria de povoados de altura: Crestelos, Fraga dos Corvos, Crasto de Palheiros, Castelo Velho da Meda, Castelo dos Mouros de Cidadelhe, Castelo Velho de Seixas do Douro, Castelo dos Mouros do Cadaval, Souto de Escarão, Vila Velha, Castelo de Aguiar e Castro de Santiago do Monte / Crastras de Santiago (Fig. 13).

Se no Bronze Final se verifica um modelo (ou diversos modelos) de povoamento, aonde a ocupação de zonas baixas imediatas a vales alargados, e de meia encosta ainda detêm um papel relevante, os povoados com continuidade na I do Ferro, que correspondem a cerca de metade daqueles conhecidos para o Bronze Final, ocupam sempre esporões dominantes sobre veigas ou relevos culminantes. Embora possam não ser todos povoados de vida rotineira (como poderá ser o caso de Souto de Escarão), parecem denunciar, na I do Ferro, um arreigamento territorial e uma ligação a seculares vias primárias e secundárias de circulação regional (e extra-regional).

Foi relevante neste texto a comparação entre a Fraga dos Corvos e o Crasto de Palheiros, as mais intensamente escavadas e publicadas em Trás-os-Montes interior, não somente em termos do estabelecimento de paralelismos cronológico-culturais, mas ainda no lançamento de algumas hipóteses interpretativas alternativas e/ou complementares àquelas previamente publicadas pela equipa responsável pelas escavações, aonde aquela mais dissonante (mas igualmente tão carente de comprovação como as restantes) apontaria uma ocupação contínua curta do sítio que, tendo início nos finais do II milénio a.C., se teria estendido até ao séc. V a.C. Como recinto monumentalizado do 1º milénio a.C., com datas entre final do séc. VIII e o início do V a.C., paraleliza na cronologia e na cultura material com o Crasto de Palheiros, mas não no período de monumentalização. No séc. VI/V a.C. (I do Ferro) têm ambos cerâmicas *peinadas* (comprovam-no as datas de C14), mas enquanto Fraga dos Corvos “pereceu” em circunstâncias mal conhecidas, este é período de arranque do secular povoado de Crasto de Palheiros.

## AGRADECIMENTOS

A Dulcineia Pinto pela preciosa ajuda na revisão das cerâmicas, pela discussão e pela cedência de cópias dos originais dos desenhos de cerâmicas, e de que aquela investigadora é autora; a Mónica Corga pela elaboração do mapa da Fig. 13 e a Joana Teixeira pela montagem de diversas figuras.

## BIBLIOGRAFIA

- ABARQUERO MORAS, Javier (2012), Cogotas I, más allá del territorio nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la Edad del Bronce Peninsular, in RODRÍGUEZ MARCOS, José A. y, FERNÁNDEZ MANZANO, Julio (Dir. de), *Cogotas I: una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, Homenaje a M<sup>a</sup> Dolores Fernández-Posse, Valladolid, Universidad de Valladolid, pp. 59-110.
- ALMEIDA, Miguel; SANCHES, Maria de Jesus e CORGA, Mónica (2024), Castelo dos Mouros (Cadaval, Murça): muralhas, moedas e muitas dúvidas por resolver, *Al-madan*, 27 (2<sup>a</sup> série), pp. 34-43.
- BETTENCOURT, Ana M.S. (2013), *A Pré-história do Noroeste Português*, Braga/Tomar, CEIPHAR e CITCEM (Col. Territórios da Pré-história em Portugal, 2).
- BETTENCOURT, Ana M.S. (2005), O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro? *Cadernos do Museu* 11. Penafiel, Câmara Municipal de Penafiel, pp. 25-40.
- BETTENCOURT, Ana M.S (1999), *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, Braga, Universidade do Minho, Dissertação de Doutoramento (policopiada).
- BLANCO GONZÁLEZ, Antonio (2010), 'Arqueología de la población' entre la Edad del Bronce y el Primer Hierro (1800-400 AC): sobre procesos migratorios y colonizadores en la Submeseta Norte, *Arqueología Espacial*, 28 (Arqueología de la Población), pp. 361-379.
- BOTICA, Natália; LARRAZABAL, Javier; LUÍS, Luís; MAGALHÃES, Fernanda; ROCHA, Bruna; SOUSA, Rui; SILVA, Luís. (2023). El Alto das Malhadas: restos de ocupación de la Edad del Bronce en el Douro portugués. *Cuadernos De Arqueología de la Universidad de Navarra*, 31, pp. 1-34. <https://doi.org/10.15581/012.31.012>
- ESPARZA, Ángel (2016), Notas sobre la fase Soto Formativo en el poblado de Los Cuestos, *BSAA Arqueología*, 82, pp. 63-85.
- FIGUEIRAL, Isabel e QUEIROGA, Francisco M. (1988), Castelo de Matos, 1982-1986. *Arqueología*, 17, pp. 137-150.
- GASPAR, Rita; CARRONDO, Joana; NOBRE, Luís; RODRIGUES, Z.; DONOSO, Gloria (2014), Espaço para a morte. O Terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze, *Estudos do Quaternário*, 10, APEQ. pp. 59-72.
- HÖCK, Martin (1980), Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (Concelho de Mirandela), *Revista de Guimarães*, 2, pp. 55-70 (Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular).
- JORDÁ PARDO, Jesús; ABAD-VIDAL, Emilio; PLATAS, I.; ZANDUETA, Valeria; REY CASTIÑEIRA, Josefa; MARIN, Carlos (2020), Cronología radiocarbónica de la Edad del Hierro del Noroeste de Iberia. Diez años después del congreso Interpretierte Eisenzeiten. Fallstudien, Methoden, Theorie, Linz 2008, *Actas do Congresso Internacional Cultura Castreja. Identidade e Transições*, I, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, pp. 39-62.
- JORGE, Susana O. (1988), *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (Monografias Arqueológicas, 2).
- JORGE, Susana O. (1996), Regional diversity in the Iberian Bronze Age - on the visibility and opacity of the archaeological record, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 36, pp. 193-214.

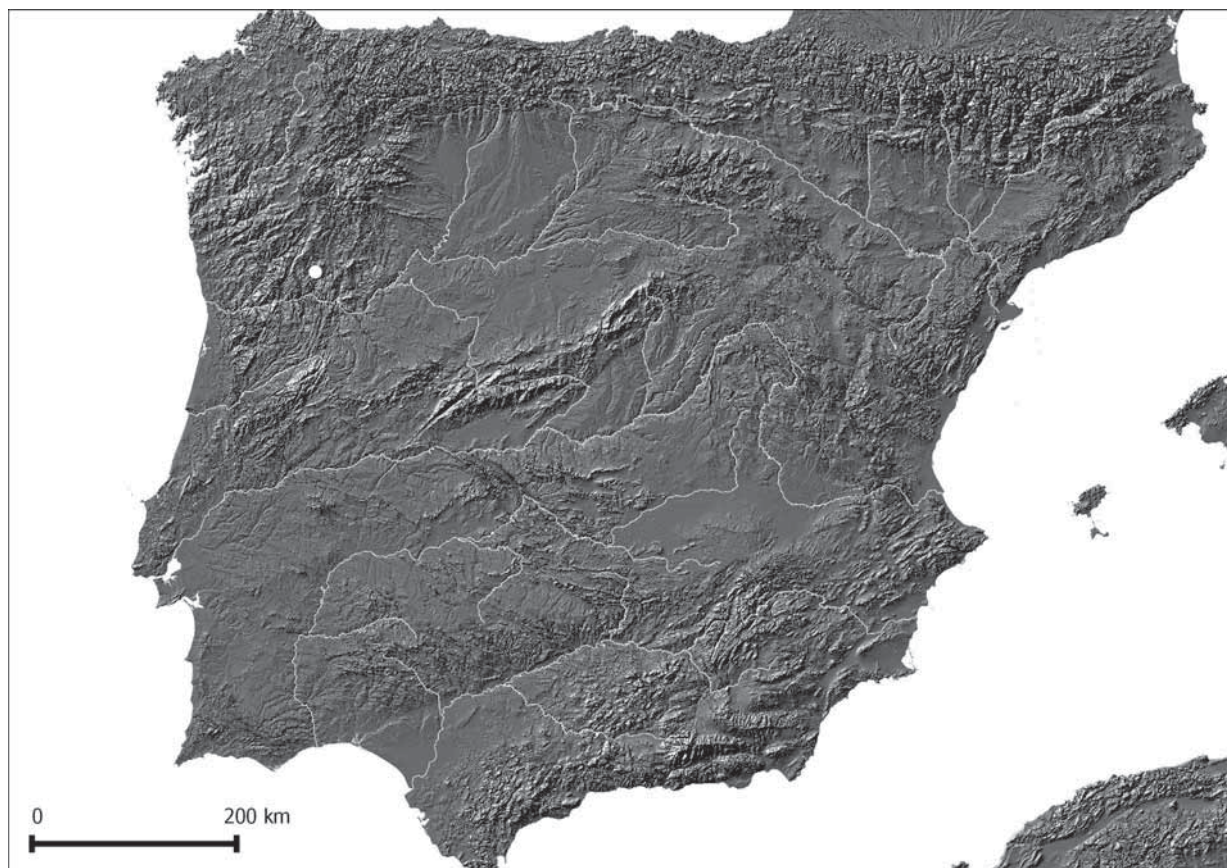
- LEITE, Margarida; TERESO, João; SANCHES, Maria J. (2018), Cultivos da Idade do Ferro no Crasto de Palheiros: novos dados carpológicos da Plataforma Inferior Leste, *Cadernos do GEEvH*, 7 [2] Special Issue: Encontro de Carpológia Ibérica, pp. 40-68.
- LUÍS, Elsa (2016), *Mudança e transformação. Calcolítico, Bronze Inicial e Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental: reflexões a partir dos recipientes cerâmicos*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras de Lisboa (policopiada).
- LUÍS, Elsa; REPREZAS, Jéssica; SENNA-MARTÍNEZ, João (2012), A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A Campanha 9 (2011). Primeira análise comparativa dos Sectores A e M – I Idade do Bronze / Bronze Final? *Cadernos Terras Quentes*, 9, pp.15-53.
- MARTINS, Manuela (1990), *O Povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia, Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Monografias, 5).
- NUNES, Susana A.; RIBEIRO, Ricardo (2000), Uma estrutura funerária da Idade do Ferro em contexto habitacional no Crasto de Palheiros – Murça (NE de Portugal), *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 5, ADECAP, pp. 23-42.
- OSÓRIO, M. (2009), A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas, in SANABRIA MARCOS, P. (Dir. de), *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo – Cáceres*. Junta de Extremadura, Museo de Cáceres, p. 95-115 (Memorias, 9).
- OSÓRIO, M. (2005), Contributos para o estudo do I milénio a. C. no Alto Côa, Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia, *Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*, Guarda, pp. 35-65.
- PÉREZ IGLESIAS, ANDREA (2018), *Estudo do material cerâmico e os seus contextos na Plataforma Superior Norte do Crasto de Palheiros (Murça). Contribución para a interpretación da ocupación Calcolítica do Recinto Superior*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PINTO, Dulcineia (2005), Notas Para a Caracterização da Estação do Puio-Picote, Miranda do Douro, *Portugalia*, Nova série, 26, pp. 77-112 (<https://tinyurl.com/3jr35n4n>).
- PINTO, Dulcineia (2008a), Recipientes cerâmicos da Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro, In SANCHES, Maria de Jesus (Dir. de), *O Crasto de Palheiros - Fragadas do Crasto. Murça-Portugal*, Município de Murça, pp. 128-134 e Fig. II. 25, 26, 27, 29.
- PINTO, Dulcineia (2008b), Artefactos metálicos do Crasto de Palheiros, in SANCHES, Maria de Jesus (Dir. de), *O Crasto de Palheiros - Fragadas do Crasto. Murça-Portugal*, Município de Murça, pp. 142-150 e Fig. II.30, 31.
- PINTO, Dulcineia (2008c), Algumas notas finais relativas às materialidades do Crasto de Palheiros durante a Idade do Bronze Final/Idade do Ferro, in SANCHES, Maria de Jesus (Dir. de), *O Crasto de Palheiros- Fragadas do Crasto. Murça-Portugal*, Município de Murça, pp. 150-153.
- PINTO, Dulcineia (2011), *O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro. Contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (3 vols.), Repositório científico da UC: <http://hdl.handle.net/10316/19994>
- PINTO, Dulcineia (2017), A Idade do Ferro no Vale do Tua. Estudo territorial da ocupação humana entre os sécs. VI/V A.C. e o séc. I D.C. em redor do Vale do Tua- Entre o Douro e Trás-os-Montes, in CARVALHO, Pedro; GOMES, Luís; MARQUES, João (Dir. de), *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua*. I. Porto: EDP S.A./ Edições Afrontamento, pp.171-239.
- PINTO, Dulcineia B. (2019), Contributos Para a Imagética Decorativa dos Recipientes Cerâmicos da Idade do Ferro de Trás-os-Montes: entre a meseta e o litoral português, *Portugalia*, Nova série. 40, pp. 33-58. (<https://tinyurl.com/pfp3sv3p>).

- PINTO, Dulcineia; SANCHES, Maria de J. (2022), Percecionando Ritos de Consagração e de Reconsagração numa Área Habitacional do Crasto de Palheiros (Murça) na Idade do Ferro, in SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Helena e Teixeira e TEIXEIRA, Joana (Dir. de), *Romper Fronteiras. Atravessar Territórios. Identidades e Intercâmbios durante a Pré-história Recente no interior norte da Península Ibérica*, Porto, CITCEM, pp. 443-471. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-47-3/rom>
- QUEIROGA, Francisco M.; FIGUEIRAL, Isabel (1989), Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos, *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Famalicão*, 9, pp. 67-69.
- RAMOS, Rui (2016), Quinta de São Lourenço 2: um sítio de fossas da Idade do Bronze no concelho de Bragança, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 11, pp. 53-58.
- REPRESAS, Jessica (2013) Existe uma “I Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), *Cadernos Terras Quentes*, 10, pp. 123-128.
- REPRESAS, Jessica (2014), Problemas da transição do Bronze Final para a Idade do Ferro em Trás-os-Montes Oriental: Primeira notícia sobre o espólio cerâmico do “Sector M” da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros), *Arbotante Património e Innovación*, pp. 151-159 (Actas de las segundas jornadas de jóvenes investigadores del valle del Duero 2012.)
- RIBEIRO, Ricardo; NETO, Nuno; REBELO, Paulo (2013), Relatório Final – Trabalhos Arqueológicos EP 76-Terraço Fluvial da Quinta das Laranjeiras., Neoépica Lda. (policopiado).
- SANCHES, Maria de Jesus (Dir. de) (2008), *O Crasto de Palheiros: Fragada do Crasto, Murça (Portugal)*, C. M. Murça.
- SANCHES, Maria de Jesus (2016), Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-history and Iron Age of Northern Portugal. *To feed the body, to nourish the soul, to create sociability. Food and commensality in pre and protohistoric societies*. Coimbra FLUC|CPBA|Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda., pp. 85-125.
- SANCHES, Maria de Jesus (2019), Os Primeiros habitantes do território bragançano, in SOUSA, Fernando de (Coord. de), *Bragança: das origens à revolução liberal de 1820*, Bragança, Município de Bragança e CEPESE, pp. 19-67.
- SANCHES, Maria de Jesus (2025, no prelo), A chronological reassessment of *Panicum miliaceum* and *Triticum spelta* at Crasto de Palheiros (Murça, Northeast of Portugal) during the first millennium BCE, *Estudos do Quaternário*, 25.
- SANCHES, Maria de Jesus; PINTO, Dulcineia (2006), Terra, madeira e pedra - materiais para a construção de um povoado proto-histórico de Trás-os-Montes: o Caso do Crasto de Palheiros – Murça, in CORREIA, Mariana; JORGE, Vítor (Dir. de.), *Terra: forma de construir*, Argumentum, Escola Superior Gallaecia, DCTP-FLUP, CEAUCP, pp. 83-90.
- SANCHES, Maria de Jesus; PINTO, Dulcineia (2008), Cronologia e faseamento do Crasto de Palheiros em I, II e III, in SANCHES, Maria de Jesus (Coord. de) *O Crasto de Palheiros - Fragadas do Crasto. Murça-Portugal*, Município de Murça, pp.43-53.
- SANTOS, Filipe.; PINHEIRO, Eulália.; ROCHA, Fábio (2013), O povoado fortificado do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal), In SASTRE, José; CATALÁN RAMOS, Raul; FUENTES MELGAR, Patricia (Dir. de), *Arqueología en el Valle del Duero. Del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas*, pp.119-128.
- SANTOS, Paula Mota (1995), O povoado do Alto de Stº Ana, Chaves, in SILVA, Isabel (Coord. de), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa: IPM, p. 117.

- SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; LUÍS, Elsa (2017), Pré-história, In 50 Séculos de História de Macedo de Cavaleiros (Catálogo), *Cadernos Terras Quentes*, 14, pp. 35-108.
- SENNA-MARTÍNEZ, João; VENTURA, José.; CARVALHO, Henrique; ARAÚJO, M. Fátima; FIGUEIREDO, Elin; VALÉRIO, Pedro (2010), «Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal), in BETTENCOURT, Ana B.; SANCHES, Maria de Jesus; ALVES, Lara, B.; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (Dir. de), *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*, BAR International Series 2058. Oxford: Archaeopress, pp. 111-117.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C.; LUÍS, Elsa; MENDES, Carlos (2019), Fraga dos Corvos Campanha 15 (2017) e Levantamento do Ortofotomapa (2019), *Cadernos Terras Quentes*, 16 pp. 168-184.
- SENNA-MARTÍNEZ, João C.; LUÍS, Elsa; MENDES, Carlos (2022a), Between the Atlantic and the Mediterranean: the Fraga dos Corvos mountain site (Macedo de Cavaleiros, Bragança), in the late bronze age/early iron age transition, in SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Helena e Teixeira e TEIXEIRA, Joana (Coord. de), *Romper Fronteiras. Atravessar Territórios. Identidades e Intercâmbios durante a Pré-história Recente no interior norte da Península Ibérica*, Porto, CITCEM, pp. 371-390. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-47-3/rom>
- SENNA-MARTÍNEZ, João C.; LUÍS, Elsa; MENDES, Carlos; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, M. Fátima e SOARES, Monge (2022b). The materialization of an iconography: a LBA/EIA metallic representation of an “anchoriform” or “anchor idol” (?) from de Fraga dos Corvos habitat site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal), *Ophiussa*, 6, p. 69-83.
- SILVA, Margarida S. (1999), *Recipientes cerâmicos do Bronze Final dos povoados de Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar) e da Lavra (Marco de Canaveses). Seu enquadramento regional*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (policopiada).
- VILAÇA, Raquel (2005), Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a. C, in *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia*, [2.ªs Jornadas do Património da Beira Interior]. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 13-32.
- VILAÇA, Raquel (1995), *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia 9).
- VILAÇA, Raquel (2022), The borderland of the Beira (Central Portugal) around the II-I millennia BC. Material and imagined representations, vanguards and rearguards in a perpetual motion, in SANCHES, Maria de Jesus; BARBOSA, Helena e Teixeira e TEIXEIRA, Joana (Coord. de), *Romper Fronteiras. Atravessar Territórios. Identidades e Intercâmbios durante a Pré-história Recente no interior norte da Península Ibérica*, Porto, CITCEM, pp.35-60. DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-47-3/rom>
- VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos; FERNANDES, Diana; BOTTAINI, Carlo; SILVA, Sofia (2020), A ocupação Pré-histórica do Cabeço de Caria Talaia (Sabugal, Portugal), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autonoma de Madrid*, 46, pp. 79-117. <https://doi.org/10.15366/cupauam2020.46.003>

Ref.	BP	±	calibração a 2σ	Contexto	Material carbonizado
PSL II (CSIC-1319)	2682	27	900-802 BC (95.4%)	[7]	cereais&madeira
PIL II (CSIC-1282)	2686	43	919-792 BC (95.4%)	[25]	madeira
TEN II (Ua-22217)	2480	45	774-458 BC (92.0%) 440-418 BC (3.4%)	[28.1]	AMS/mad. selecionada (1)
TEL III (Ua-22219)	2365	45	747-688 BC (7.0%) 666-643 BC (3.1%) <b>565-364 BC (85.4%)</b>	[133] sedimento integro	AMS/ madeira selecionada (1)
TEL III (Ua-22218)	2370	40	736-694 BC (5.3%) 664-648 BC (2.5%) <b>547-382 BC (87.7%)</b>	[140/133] sedimento integro	AMS/ madeira selecionada (1)
PIN III (CSIC-1962)	2371	36	725-705 BC (2.6%) 663-651 BC (1.7%) <b>545-386 BC (91.1%)</b>	[79] lareira	madeira selecionada (1)
PIL III (Ua-18527)	2195	50	387 - 107 BC (95.4%)	[87]	AMS/mad. selecionada (1)
PIL III (CSIC-1219)	2260	47	402-336 BC (33.2%) <b>328-198 BC (62.3%)</b>	[37]	madeira
TEL III (Ua-19117)	2225	40	<b>389-194 BC (93.9%)</b> 186-178 BC (1.6%)	[128]	AMS/ madeira selecionada (1)
PIN III (CSIC-1961)	2208	37	381-174 BC (95.4%)	[73.2]	mad. selecionada (1)
PIL III (ICA_17C/1150)	2260	30	394-348 BC (36.3%) 312-206 BC (59.2%)	[2b] *	AMS/ <i>Panicum miliaceum</i>
PIN III (CSIC-1406)	2284	26	401-352 BC (60.4%) 288-226 BC (33.6%) 220-210 BC (1.5%)	[2b] *	madeira
PSL III (CSIC-1217)	2258	48	402-197 BC (95.4%)	[1/2] topo	cereais&madeira
TEN III (Ua-22882)	2110	45	351-290 BC (10.0%) 226-222 BC (0.2%) <b>210-31 BC (82.3%)</b> 18-8 AD (3.0%)	[20.4]	AMS/ mad. selecionada (1)
PSL III (CSIC-1281)	2116	40	350BC (9.5%) 304BC <b>208BC (84.7%) 38BC</b> 12BC ( 1.3%) 2AD	[0/1]	madeira
PSN III (ICA-17C/1133)	2050	30	159-26 AD (95.4%)	Estrutura 10_ sedimento integro	AMS/ <i>Triticum spelta</i>
PSN III (Sac-1972)	1990	45	102-66 BC (3.4%) <b>60-131 AD (90.7%)</b> 141-158 AD (1.0%) 192-200 AD (0.4%)	[30]	madeira
PSN III (Ua-22883)	2000	45	146-140 BC (0.4%) 108-127 AD (95.0%)	[30]	cereais não identificados, similares a trigo&cevada
PSN III (CSIC-1691)	1922	29	26-208 AD (95.4%)	[7]	cereais&madeira
PIL III (CSIC-1215)	1959	47	44-204 AD (95.4%)	lareira 4	cereais&madeira
PIL III (CSIC-1320)	1979	32	42-120 AD (95.4%)	lareira 1	cereais não identificados, similares a trigo&cevada
PIL III_P m_ (CSIC-1805)	1982	30	<b>43-87 AD (84.6%)</b> 92-118 AD (10.9%)	[31] recolha manual direta	aglomerado de <i>Panicum miliaceum</i>
PIL III_P m_ (CSIC-1404)	1951	26	36-14 BC (3.0%) <b>4-130 AD (91.4%)</b> 144-155 AD (1.0%)	[31] [31] recolha manual direta	aglomerado de <i>Panicum miliaceum</i>
PIL III (CSIC-1405)	2014	26	88-80 BC (1.0%) <b>54-76 AD (94.4%)</b>	[1b/31]	madeira
PIL III (CSIC-1403)	1954	26	38-12 BC (3.9%) <b>3-129 AD (91.6%)</b>	[1b/31]	madeira
PIL III_P m_ (CSIC-1279)	2045	35	<b>160BC (91.8%) 31AD</b> 40-60 AD (3.7%)	[1b/31] [31] recolha manual direta	aglomerado de <i>Panicum miliaceum</i>
TEL III (Sac-1971)	1980	50	94-74 BC (2.0%) <b>56-204 AD (93.4%)</b>	[142.1]	madeira
PIN III (Sac-1970)	2020	45	151-130 BC ( 2.7%) <b>121BC (88.5%) 86AD</b> 93-118 AD (4.3%)	[131.2/16]	madeira selecionada (1)
PIN III (Sac-1973)	1980	50	94-74 BC (2.0%) <b>56-204 AD (93.4%)</b>	[62]	madeira selecionada (1)

Quadro 1 - Datas de C14 do Crasto relativas à ocupação do Bronze Final e I do Ferro



**Fig. 1:** Localização geográfica do Crasto de Palheiros: entre a bacia sedimentar do Douro e as montanhas do Noroeste da Península Ibérica.

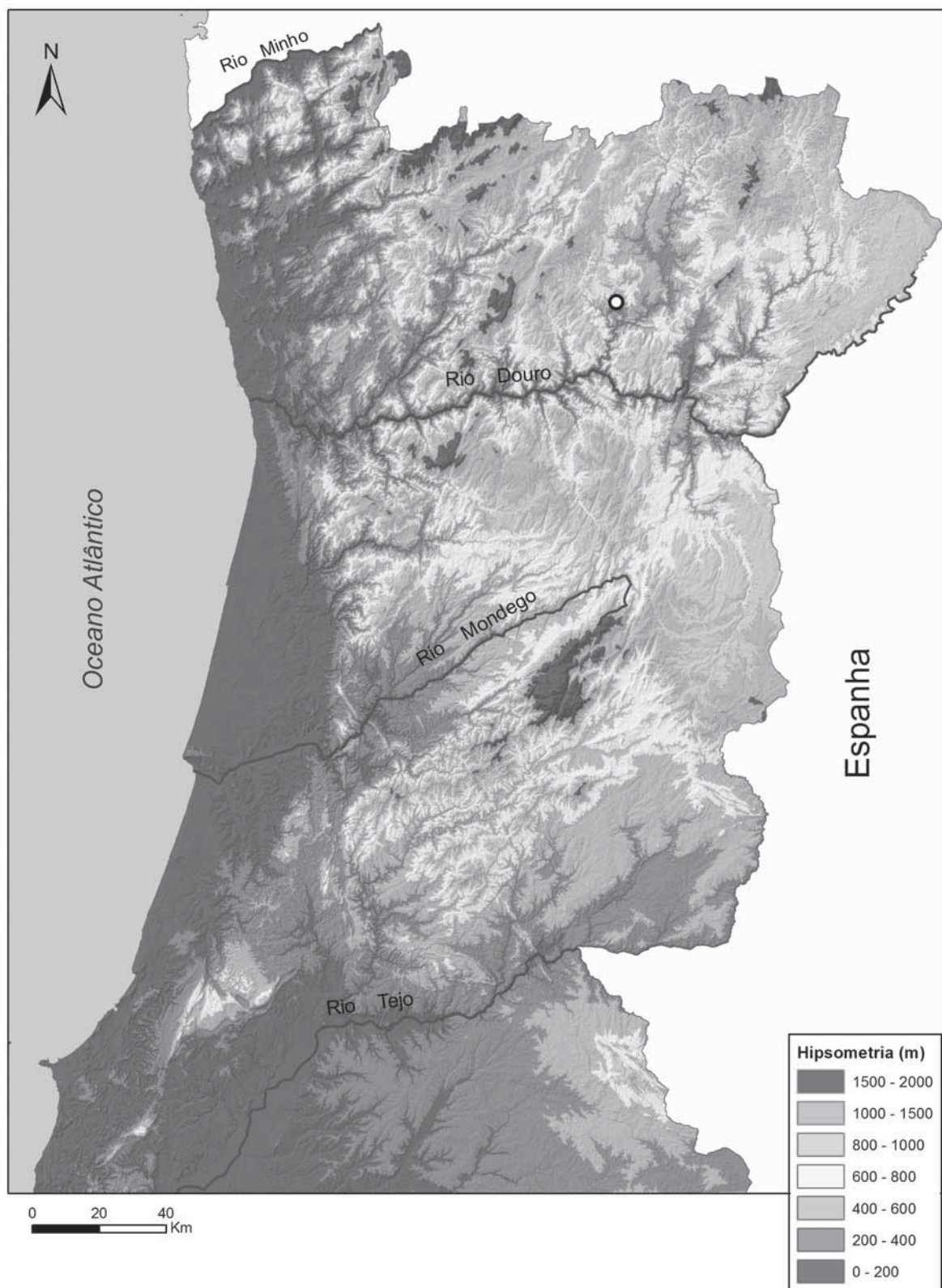


Fig. 2: O Crasto de Palheiros no interior norte de Portugal (Trás-os-Montes): bacia do rio Tua.



**Fig. 3:** Crasto visto de NNW. Destaca-se como crista quartzítica e observa-se igualmente o Centro Interpretativo.



**Fig. 4:** Crasto visto de Leste aquando do final da musealização. São bem visíveis as duas Plataformas (superior e inferior), que configuram os Recintos superior e inferior; e ainda os expressivos taludes péticos (sobre os quais a musealização apoiou acessos/escadas).

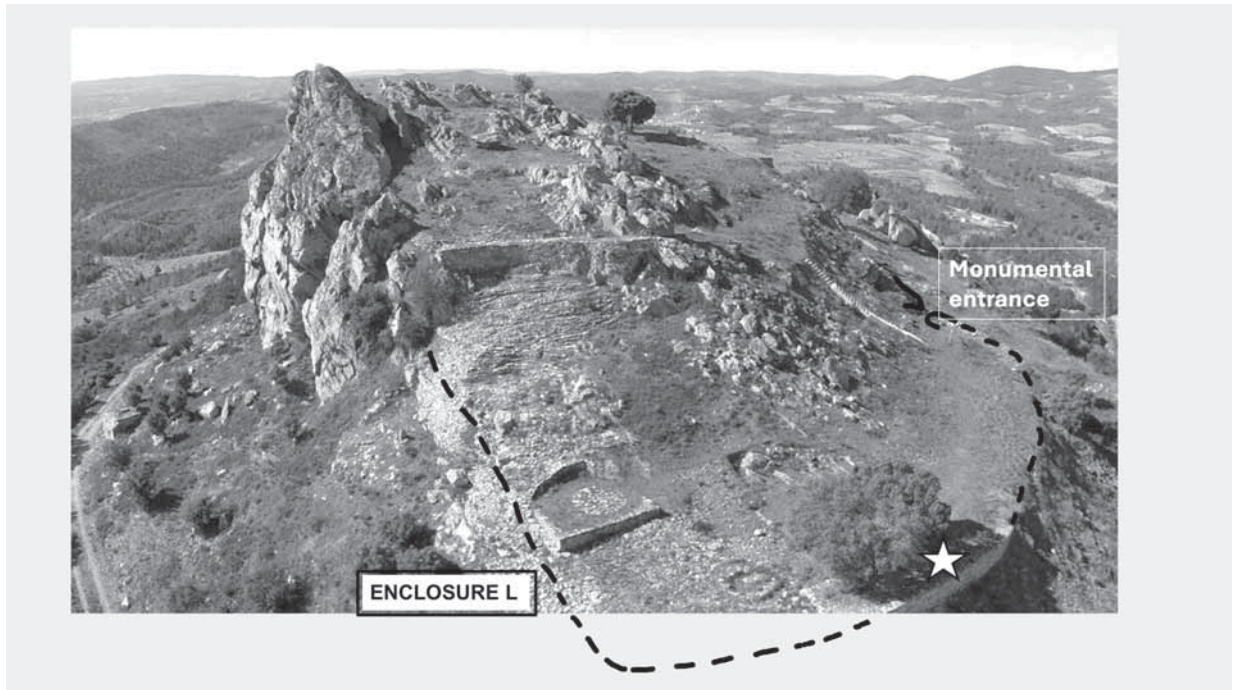


Fig. 5: Zona Leste. Observa-se o traçado do Recinto L (Enclosure L), provido de Entrada monumental e, com uma estrela marca-se a localização da Estrutura de Deposição Funerária (EDF). E ainda, nesse recinto, algumas Unidades habitacionais da I do Ferro (restauradas/preservadas). Verificar também a muralha do Recinto Superior, atrás da qual se registam vestígios do Bronze Final (tudo a comparar com o levantamento topográfico da Fig. 7).

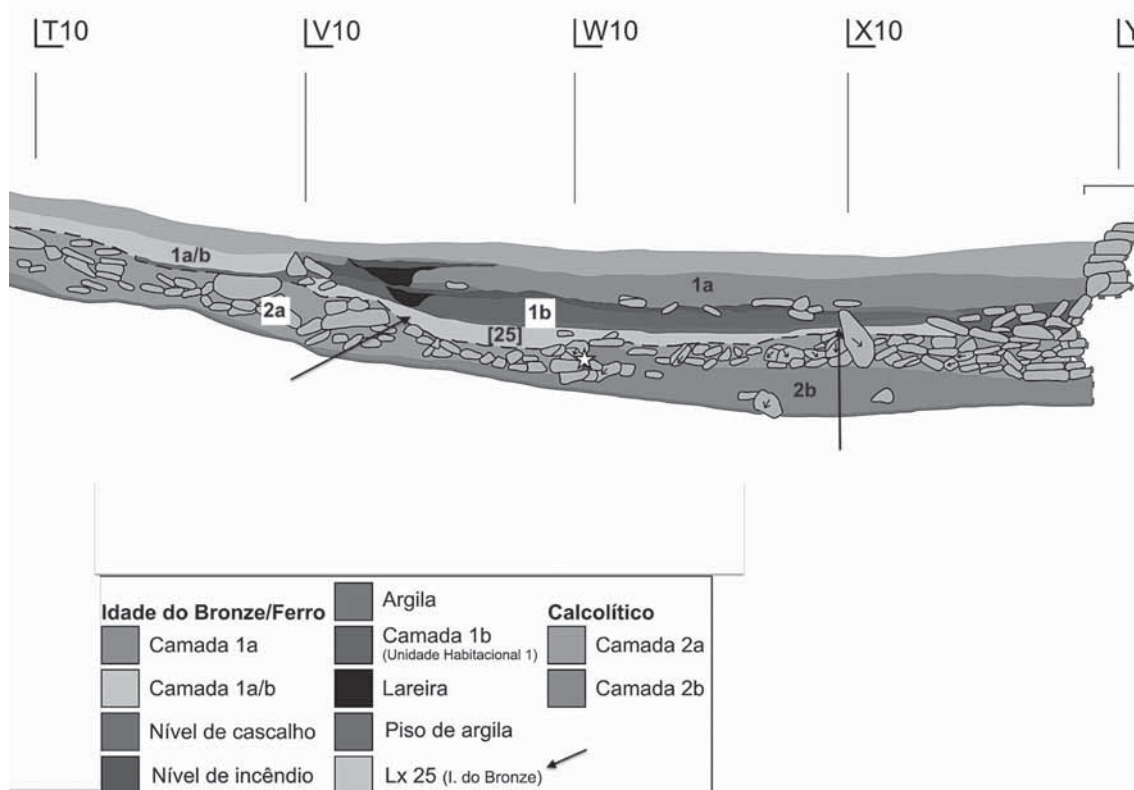


Fig. 6: Corte estratigráfico (W-E) na plataforma inferior leste (PIL), aonde se verifica a sequencia estratigráfica, com destaque para a localização do estrato [25], sobreposto à ocupação calcolítica, e infraposto à da I. do Ferro. A quadrícula é de 2 metros.

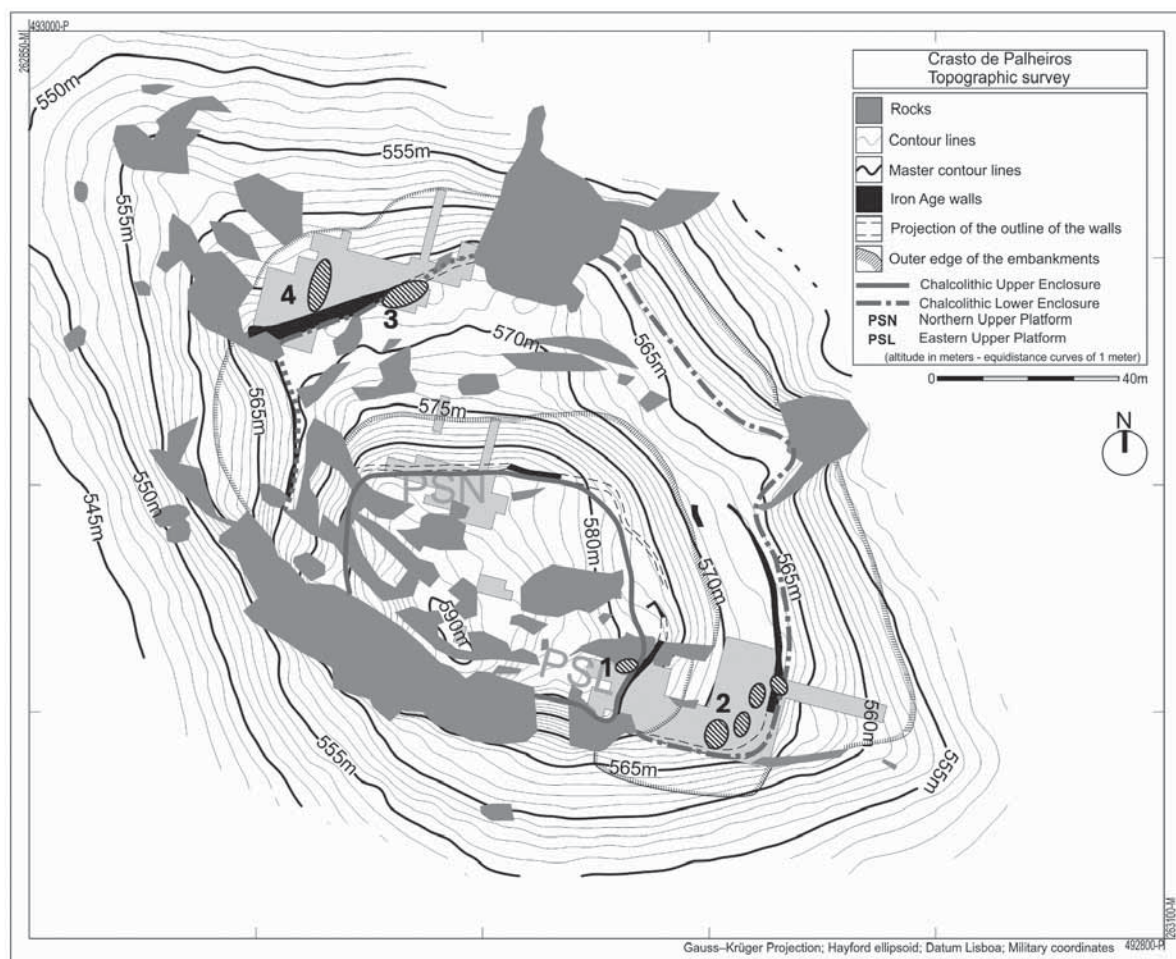


Fig. 7: Levantamento topográfico do Crasto de Palheiros. Entre as ocupações, com expressão pétrea, do Calcolítico e da I do Ferro, representam-se as da I do Bronze Final: 1 e 2 na zona leste; 3 e 4, na zona norte (ver descrição no texto).

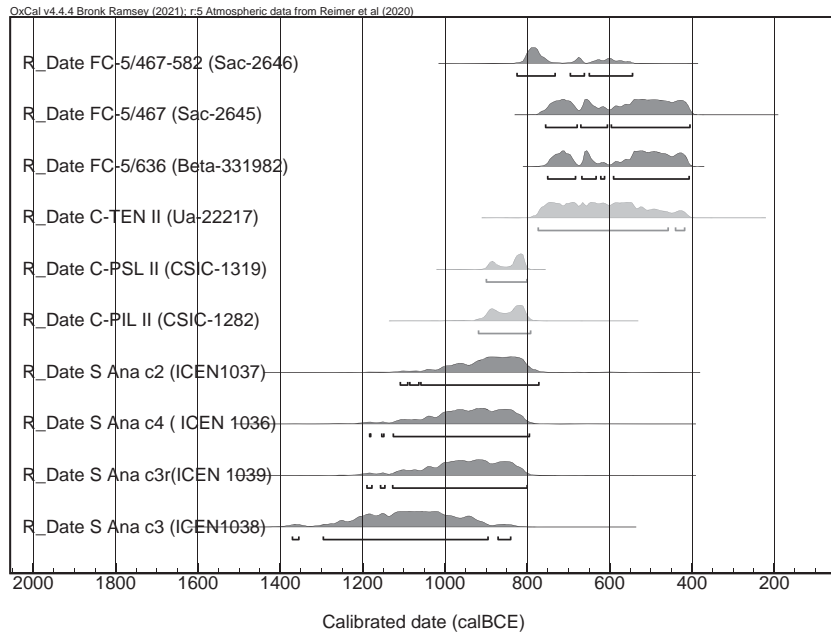
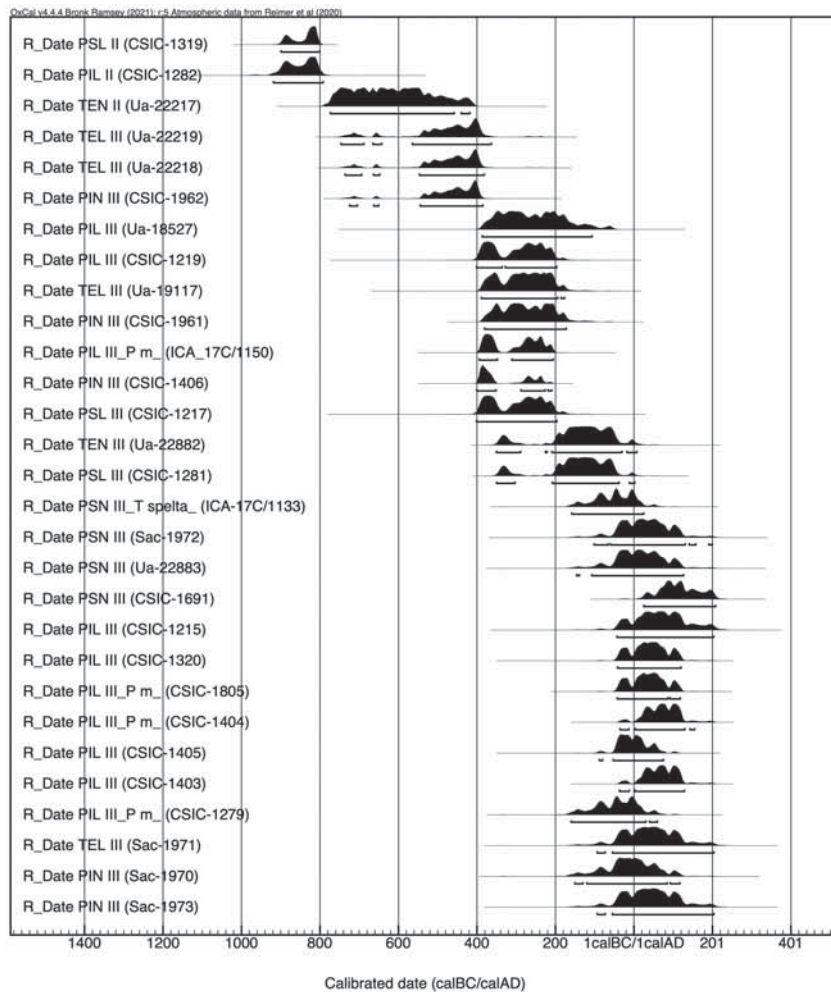


Fig. 8: Em cima (8a): comparação das datas absolutas (C14) do Bronze Final (e/ou Transição Bronze Final-I do Ferro) dos povoados de Alto de Sta. Ana (SANTOS, 1995), Crasto de Palheiros e Fraga dos Corvos (LUIS, 2016). Em baixo (8b), representação de datas de C14 do Crasto no Bronze Final e I do Ferro (tudo segundo o programa OxCal- v.4.4).



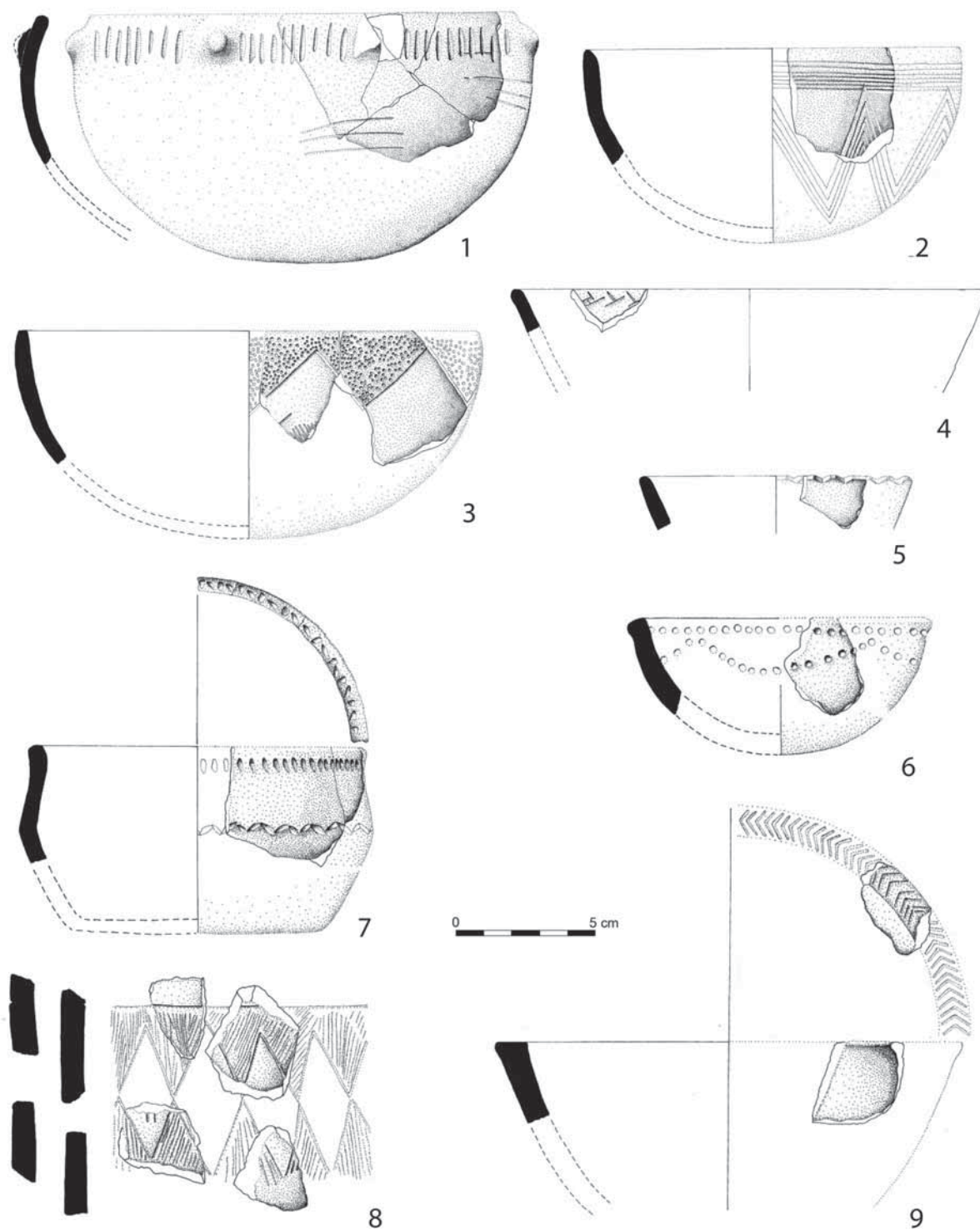
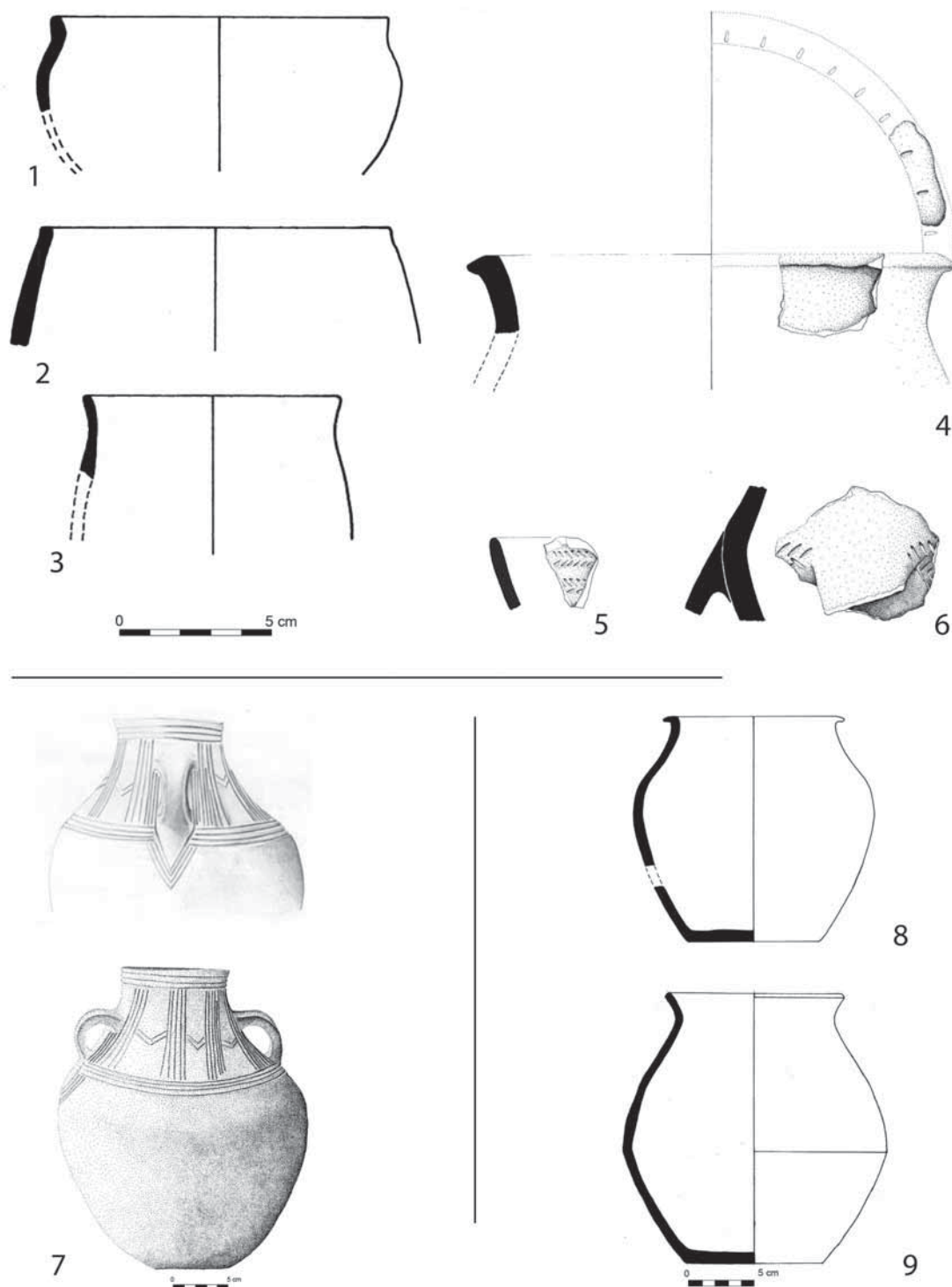


Fig. 9: Recipientes e fragmentos do B Final do Crasto de Palheiros. 1, 2, 3, 6- Taças em calote ou semiesfera; 5 e 9- taças de corpo troncocónico; em 7 está o recipiente decorado *Cogotas* (nº1003) e, em 8, aquele tipo *Baiões* (nº462). (Montagem: Joana Teixeira).



**Fig. 10:** Formas e decorações do B Final (1 a 6, e 8-9), e da I do Ferro do Crasto de Palheiros. 1- Taça lisa de âmbito Cogotas (nº 915); 4- recipiente de colo e perfil em S suave (nº1009); 6- é a pança decorada dum vaso bicónico (nº1018). O 8 também é denominado de “urna” (nº 466). O recipiente 9 (nº 475), da I do Ferro, figura aqui por dificuldade de recuperar, na I do Bronze, uma forma adequadamente informativa/ completa, pelo que representam formas de ambas as ocupações. O recipiente marcado com 7 (nº 474) e 9 (nº 475) fazem parte do ritual fundacional da área leste do povoado na Idade do Ferro (fase III-1). (Montagem: Joana Teixeira).

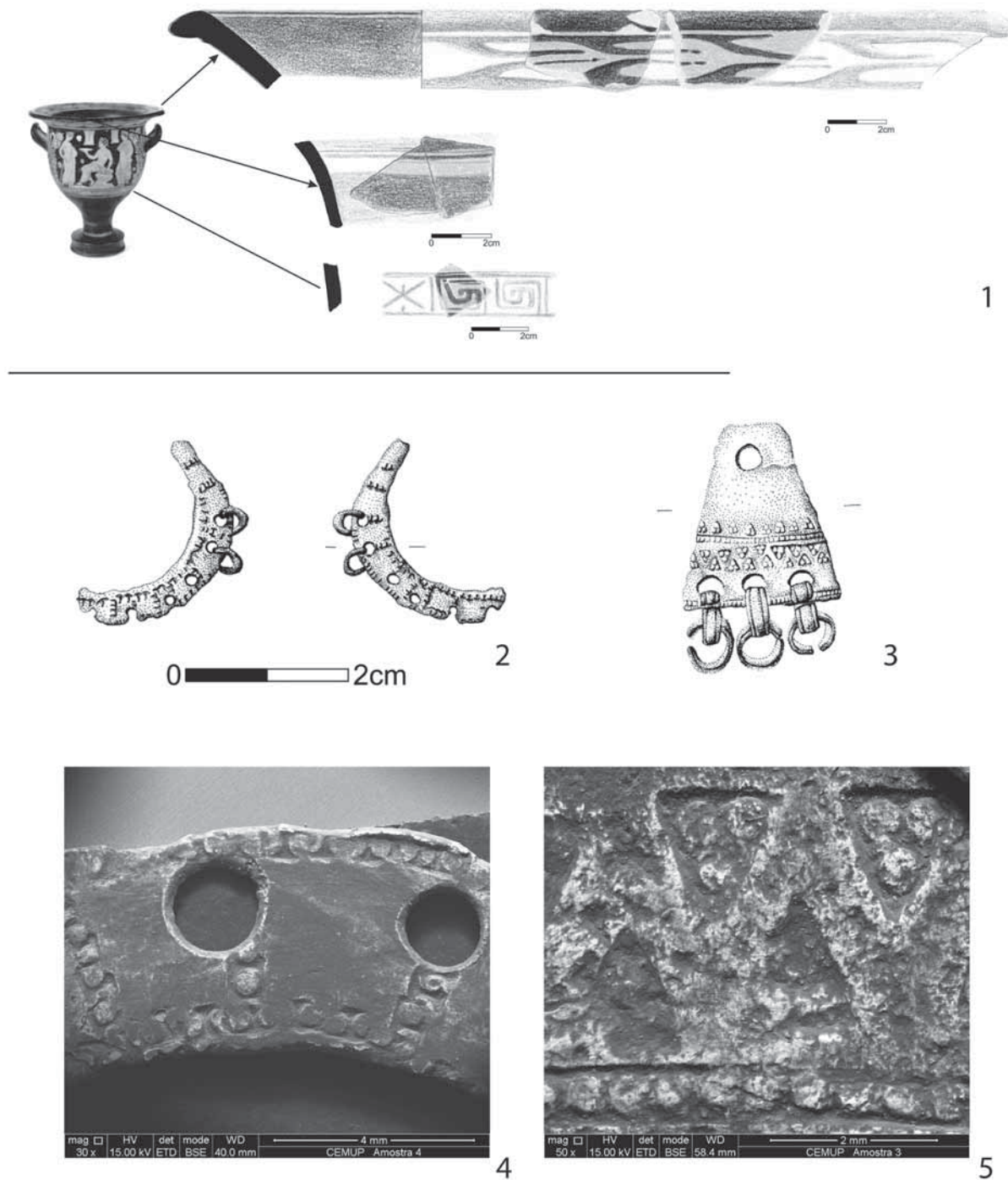
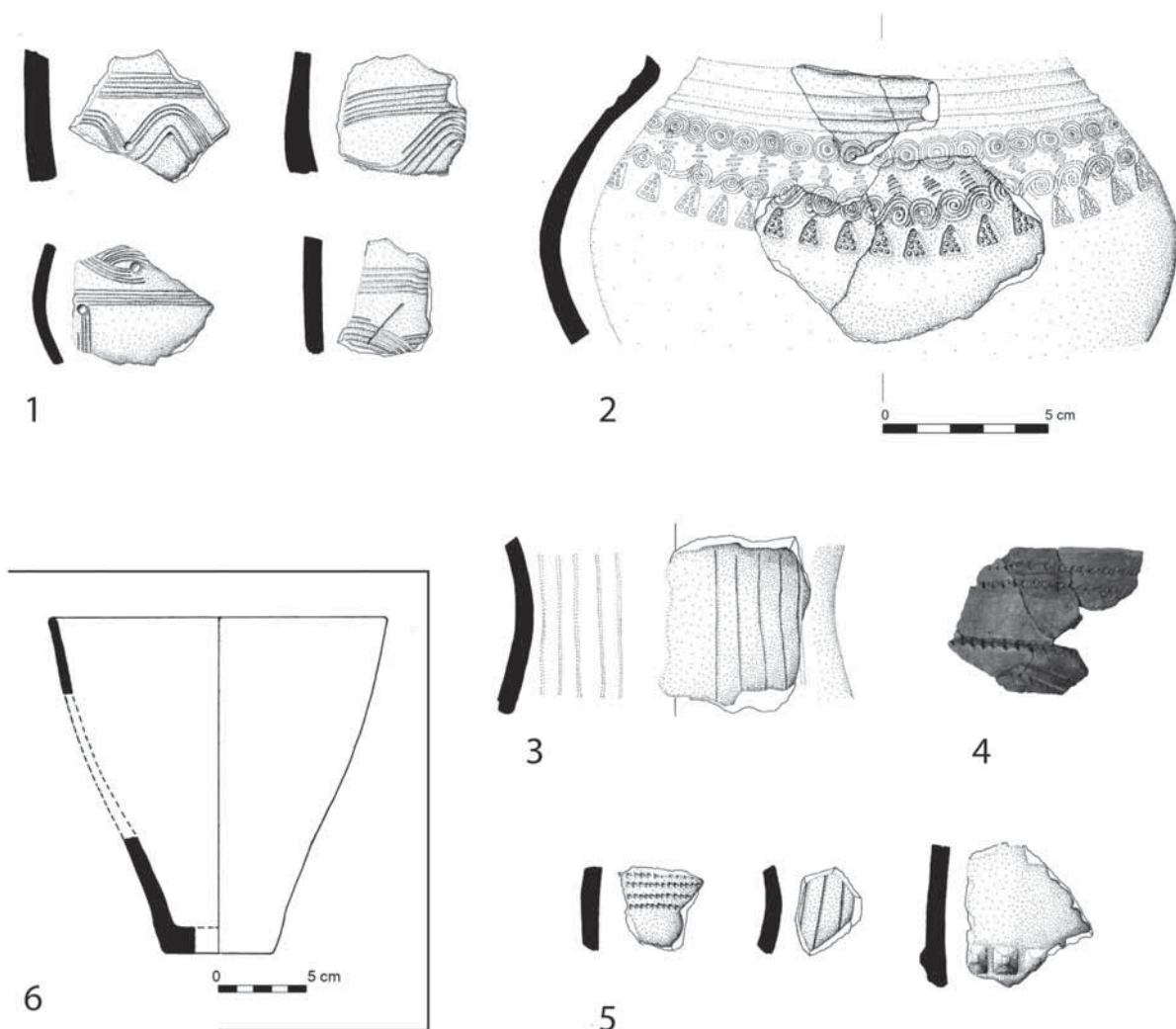
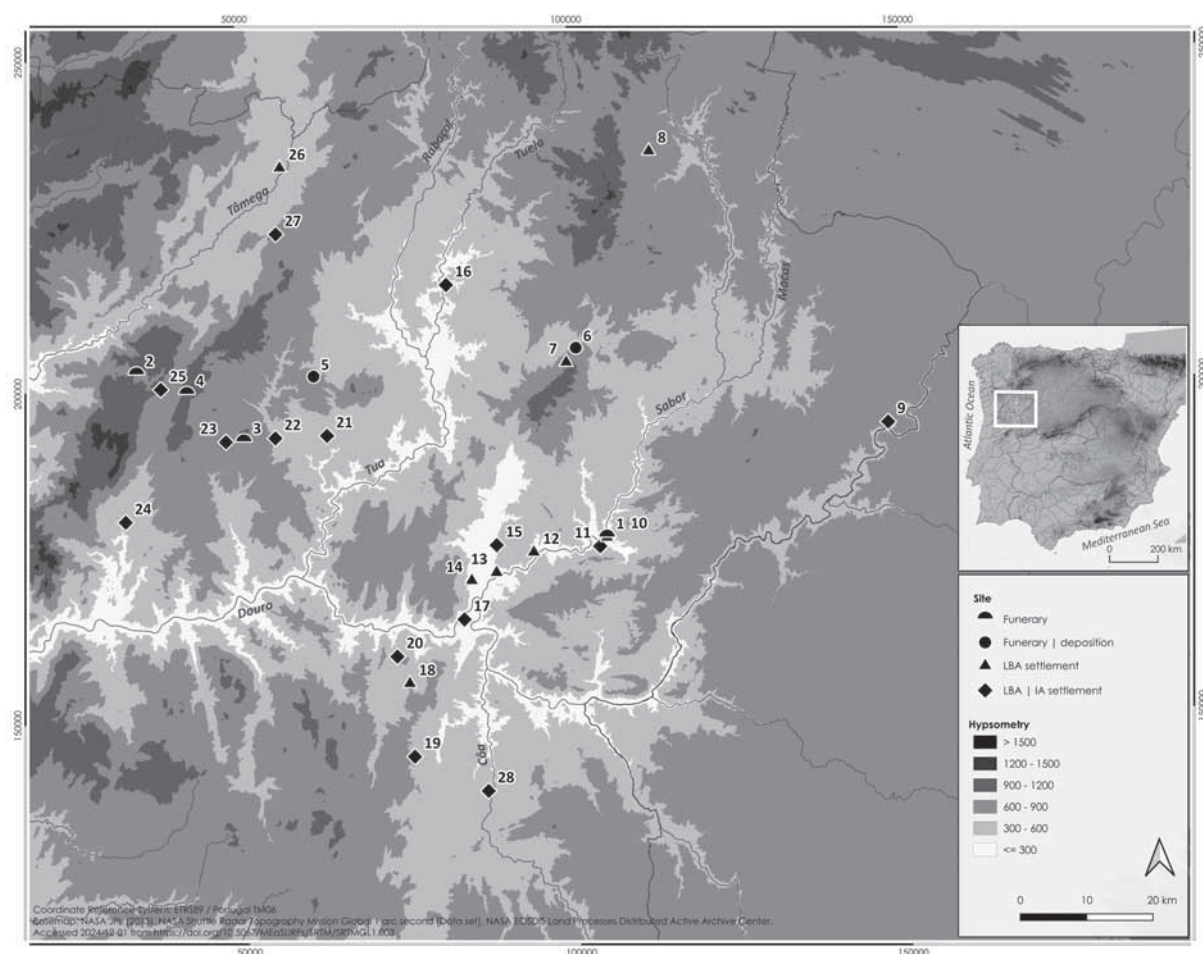


Fig. 11: Artefactos da Idade do Ferro (fase III-1). 1- Krater púnico (com pintura a preto e vermelho vinho); 2 e 4- pente em meia-lua, de bronze, exumado na EDF, com decoração impressa em “âncora”; 3 e 5- pente trapezoidal, em bronze, exumado na EDF, com decoração impressa, muito complexa (triângulos e “pérolas”). (Montagem: Joana Teixeira).



**Fig. 12:** Recipientes diversos do Bronze Final do Crasto —5 e 6—, e da fase III-I (I. Ferro) —1, 2, 3; e ainda da Mamoa 1 do Castelo—4 (recipiente de forma e decoração *Cogotas* (/linha cosida)). 1- Cerâmicas “peinadas”; 2- recipiente inciso e impresso a pente, com decoração complexa (nº 1-CP-00); 3- colo de recipiente inciso no interior e exterior (a comparar com o “colo” decorado com linhas incisadas do conjunto 5, este do B Final) (1-CP-03-2372); fragmentos decorados a impressão, a incisão e com mamilos de formato piramidal (Montagem: Joana Teixeira).



**Fig. 13:** Sítios habitacionais e funerários atribuídos ao Bronze Final, e Bronze Final/Idade do Ferro, de acordo com as datas absolutas e tipologia da cerâmica e/ou metais. Sítios funerários do Bronze Médio- Final: 1-Medal; 2- M 1 Chã de Arcas (cairn/estrutura secundaria); 3- Cabeço Carvalho (necrópole de tumuli); 4- Cista de Carvalhas Alvas 2. Sítios deposicionais do B Final: 5- Dólmen 1 do Castelo; 6- Fraga dos Corvos - Abrigo 2. Povoados: 7-Fraga dos Corvos; 8-Quinta de S. Lourenço 2; 9-Puio/Castelar; 10- Medal; 11- Crestelos; 12- Monte da Poia & Quinta do Rio 16& Zaragata (área de); 13-Quinta das Laranjeiras; 14- Cabanas de Cima; 15- Sra. Castelo Adeganha; 16- S. Juzenda; 17- Alto das Malhadas e Castelo Velho do Monte Meão; 18-Alto de Santa Eufémia; 19- Castelo Velho da Meda; 20- Castelo Velho de Seixas do Douro; 21-Crasto de Palheiros; 22-Castelo dos Mouros do Cadaval; 23- Souto de Escarão ; 24-Vila Velha (de Vila Real); 25-Castelo de Aguiar; 26-Alto de Santa Ana; 27-Castro de Santiago do Monte/Crastras de Santiago; 28-Castelo dos Mouros de Cidadelhe. (Mapa elaborado por Mónica Corga).